



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2023/24
8º LEVANTAMENTO

MAIO 2024

**VOLUME 11
NÚMERO**

8

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

João Edegar Pretto

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretora-Executiva Administrativa, Financeira e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Thiago José dos Santos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Coughlan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Marco Antônio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Amir Haddad (estagiário)
Candice Mello Romero Santos
Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Gabriel Da Costa Farias (estagiário)
Lucas Barbosa Fernandes
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Flávia Machado Starling Soares (Gerpa – trigo), João Figueiredo Ruas (Gefab – feijão), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Séfora Silvério (Suinf), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins.

Colaboradores das superintendências

André Araújo (AC); Antônio de Araújo Lima Filho, Lourival Barbosa de Magalhães, Adriano Jorge Nunes dos Santos e Ilo Aranha Fonseca (AL); Érica Alfaia Marialva, Glenda Patrícia de Oliveira Queiroz (AM); Ednabel Caracas Lima, Francisco dos Reis Lopes Neto, Joctã Lima do Couto e Marcelo Ribeiro e Orfrezino Pereira Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, José Iranildo da Silva Araújo, Lindeberg da Silva Magalhães e Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Sírío José da Silva Júnior e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Airton Santos de Azevedo, Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento Humberto Menezes Souza Filho, Margareth de Cássia Oliveira Aquino e Rogério Prazeres (MA); Benancil Martins Filho, Gabriel Pedrozo Heise, Ismael Cavalcante Maciel Junior, Jorge Luis Cunha, Rodrigo Martinelli Slomoszynski, Raul Pio de Azevedo e Rogério de Souza Silva (MT); Getúlio Moreno, Mário Adriano Silva Moreira, Marcelo de Oliveira Calisto e Edson Yui (MS); Alessandro Lúcio Marques, Benedito Castro de Sousa, Flávio José Goulart, Gabriel Moraes Costa, Hélio Maurício Rezende, Márcio Carlos Magno, Matheus Carneiro de Souza, Pedro Pinheiro Soares, Samuel Valente Ferreira e Warlen Maldonado (MG); Alexandre Augusto Pantoja Cidon, Renato Martins da Silva e Sérgio Alberto Queiroz Costa (PA); Ana Paula Alves Cordeiro, Arthur Ramon de Andrade Rodrigues, Bruno Eduardo Dias Oliveira e Matheus Rodrigues de Sousa (PB); Adilson Valnier, Allan Vinícius Pinheiro Salgado, Charles Erig Daniela Furtado de Freitas, Itamar Pires de Lima Júnior e Jefferson Raspante (PR); Clarissa de Albuquerque Gomes, Herivelton Marcullino da Silva, Rafael Silva de Lima, Rinaldo de Souza e Thiago Nery da Cunha (PE); Antônio Cleiton da Silva, Bábiton Leone de Oliveira Herculano, Simone do Nascimento Luz, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Fernando Henrique Vidal Lage, Lirida Bezerra e Rafael Vagner Machado (RN); Alexandre Rocha Pinto, Carlos Roberto Bestetti, Iure Rabassa Martins, Luciana Dall’Agnese, Márcio Renan Weber Schorr, Matias José Führ (RS); João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro e Raimundo Junil Marques Ribeiro (RO); César Augusto Rubin, Júlio César de Oliveira, Ricardo Agostini Paschoal, Vilmar Barboza Dutra e Wagner Fernandes de Aquino (SC); Cláudio Lobo, Elias Tadeu, Marisete Belloli e Rubens Praude (SP); Flaviano Gomes dos Santos, José Bomfim Oliveira Santos Júnior e José de Almeida Lima Neto (SE); Felipe Thomaz de Souza Carvalho, Bruno Milhomem e Jorge Antônio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-CE); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agroecuarria do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG) , Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do rio de Janeiro (Emater/RJ) ; Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Instituto de Economia Agrícola (IEA-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PRO); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2023/24
8º LEVANTAMENTO

Copyright © 2024– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Capa: Acervo Conab

Normalização

Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 11, safra 2023/24, n. 8 oitavo levantamento, maio 2024.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO
16	INTRODUÇÃO
19	ANÁLISE CLIMÁTICA
26	ANÁLISE DAS CULTURAS
26	ALGODÃO
38	ARROZ
52	FEIJÃO
79	MILHO
101	SOJA
114	TRIGO
122	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
133	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

A produção de grãos no país, estimada em 295,45 milhões de toneladas, é 7,6% ou 24,36 milhões de toneladas, inferior ao colhido na safra 2022/23. Esses dados foram observados na pesquisa de campo, realizada na última semana de abril.

A quebra de 24,36 milhões de toneladas se deve, sobretudo, à atuação da forte intensidade do fenômeno El Niño, que em 2023 teve influência negativa no comportamento climático, desde o início do plantio até as fases de reprodução das lavouras de primeira safra, nas principais regiões produtoras do país.

No período analisado, as culturas de primeira safra estavam praticamente colhidas. As de segunda safra predominando os estágios de enchimento de grãos, maturação, e a colheita em fase inicial. A terceira safra, juntamente com as culturas de inverno, em fase de plantio, portanto, o resultado final do volume desta safra ainda depende do comportamento climático, fator preponderante para o desenvolvimento das culturas.

Comparativamente à estimativa do mês anterior, observa-se um ganho de 0,5% ou 1,38 milhão de toneladas, com os maiores acréscimos observados na soja, 1,16 milhão de toneladas, e 672,1 mil toneladas no milho.

A estimativa atual para a área cultivada indica crescimento, quando comparada à safra passada, de 0,7% ou 578 mil hectares, situando-se em 79,12 milhões de hectares. Destaques para a soja, com aumento de 3,8% ou 1,65 milhão de hectares, e para o algodão, com ganho de 16,7%, correspondendo a 278,2 mil hectares. As áreas das culturas de primeira e segunda safras encontram-se com os plantios concluídos, restando os cultivos de terceira safra e das culturas de inverno, que serão concluídos, provavelmente, em junho.

A partir da última semana de abril, o Rio Grande do Sul enfrentou fortes temporais, os quais provocaram alagamentos em grande parte das regiões produtoras do estado, e estão comprometendo a produtividade das culturas ainda não colhidas, sobretudo de arroz e soja, além de perdas dos produtos já colhidos e armazenados em áreas atingidas pelas chuvas e inundações. No momento, as atenções estão voltadas para outras ações, mas as perdas já são certas e deverão continuar sendo avaliadas conforme a situação do estado retorne a patamares não calamitosos, não descartando novas revisões.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

acontecer a partir de junho. A terceira safra, com a semeadura iniciada em abril, está estimada em 1,99 milhão de toneladas.

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2022/23 e 2023/24					
	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	1.663,7	1.941,9	16,7	2.721	2.677	(1,6)	4.526,7	5.198,0	14,8
ALGODÃO - PLUMA	1.663,7	1.941,9	16,7	1.907	1.876	(1,6)	3.173,3	3.643,5	14,8
AMENDOIM TOTAL	220,9	255,4	15,6	4.041	3.014	(25,4)	892,8	769,9	(13,8)
Amendoim 1ª Safra	213,8	248,2	16,1	4.120	3.054	(25,9)	880,9	758,0	(14,0)
Amendoim 2ª Safra	7,1	7,2	1,4	1.669	1.644	(1,5)	11,9	11,9	-
ARROZ	1.479,6	1.574,9	6,4	6.780	6.664	(1,7)	10.031,8	10.495,1	4,6
Arroz sequeiro	303,5	325,1	7,1	2.557	2.566	0,4	775,9	834,3	7,5
Arroz irrigado	1.176,1	1.249,8	6,3	7.870	7.730	(1,8)	9.255,9	9.660,8	4,4
FEIJÃO TOTAL	2.699,5	2.866,5	6,2	1.125	1.160	3,1	3.036,7	3.325,7	9,5
FEIJÃO 1ª SAFRA	857,3	851,1	(0,7)	1.116	1.092	(2,2)	956,7	929,2	(2,9)
Cores	344,6	343,3	(0,4)	1.699	1.664	(2,1)	585,5	571,3	(2,4)
Preto	133,4	124,7	(6,5)	1.646	1.492	(9,4)	219,6	186,1	(15,3)
Caupi	379,3	383,1	1,0	400	449	12,2	151,7	171,9	13,3
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.326,2	1.467,4	10,6	962	1.089	13,2	1.275,8	1.597,9	25,2
Cores	351,2	355,0	1,1	1.644	1.612	(1,9)	577,5	572,5	(0,9)
Preto	202,4	326,1	61,1	1.642	1.808	10,2	332,3	589,7	77,5
Caupi	772,6	786,3	1,8	474	554	17,0	365,9	435,7	19,1
FEIJÃO 3ª SAFRA	516,0	548,0	6,2	1.559	1.457	(6,5)	804,4	798,7	(0,7)
Cores	443,6	463,8	4,6	1.697	1.614	(4,9)	752,7	748,3	(0,6)
Preto	14,4	19,4	34,7	1.015	745	(26,6)	14,6	14,5	(0,7)
Caupi	58,0	64,8	11,7	638	554	(13,3)	37,0	35,8	(3,2)
GERGELIM	361,2	583,2	61,5	482	495	2,7	174,2	288,9	65,8
GIRASSOL	56,1	55,7	(0,7)	1.520	1.457	(4,1)	85,2	81,3	(4,6)
MAMONA	51,2	58,7	14,6	1.787	1.782	(0,3)	91,5	104,6	14,3
MILHO TOTAL	22.269,2	20.618,3	(7,4)	5.923	5.414	(8,6)	131.892,6	111.635,8	(15,4)
Milho 1ª Safra	4.444,0	3.995,4	(10,1)	6.160	5.879	(4,6)	27.373,2	23.490,0	(14,2)
Milho 2ª Safra	17.192,7	15.990,4	(7,0)	5.954	5.388	(9,5)	102.365,1	86.155,1	(15,8)
Milho 3ª Safra	632,5	632,5	-	3.406	3.148	(7,6)	2.154,4	1.990,9	(7,6)
SOJA	44.080,1	45.733,2	3,8	3.507	3.229	(7,9)	154.609,5	147.684,8	(4,5)
SORGO	1.417,6	1.562,4	10,2	3.378	3.142	(7,0)	4.788,7	4.909,3	2,5
SUBTOTAL	74.299,1	75.250,2	1,3	4.174	3.781	(9,4)	310.129,7	284.493,4	(8,3)
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2023	2024	VAR. %	2023	2024	VAR. %	2023	2024	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	520,1	521,2	0,2	1.892	2.241	18,4	984,1	1.167,9	18,7
CANOLA	92,1	121,2	31,6	1.591	1.465	(7,9)	146,5	177,5	21,2
CENTEIO	4,5	3,9	(13,3)	1.644	2.128	29,4	7,4	8,3	12,2
CEVADA	134,5	120,1	(10,7)	2.907	3.787	30,3	391,0	454,8	16,3
TRIGO	3.473,4	3.086,7	(11,1)	2.331	2.942	26,2	8.096,8	9.082,5	12,2
TRITICALE	22,9	21,3	(7,0)	2.454	2.991	21,9	56,2	63,7	13,3
SUBTOTAL	4.247,5	3.874,4	(8,8)	2.279	2.827	24,0	9.682,0	10.954,7	13,1
BRASIL (2)	78.546,6	79.124,6	0,7	4.072	3.734	(8,3)	319.811,7	295.448,1	(7,6)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2024.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2022/23 e 2023/24		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4.791,3	5.240,4	9,4	3.500	3.413	(2,5)	16.768,0	17.887,1	6,7
RR	146,7	165,9	13,1	3.389	3.465	2,2	497,1	574,8	15,6
RO	947,8	1.020,9	7,7	3.965	4.000	0,9	3.757,6	4.083,9	8,7
AC	63,9	64,3	0,6	3.003	2.924	(2,6)	191,9	188,0	(2,0)
AM	19,8	30,8	55,6	2.783	2.916	4,8	55,1	89,8	63,0
AP	12,4	12,1	(2,4)	1.968	1.950	(0,9)	24,4	23,6	(3,3)
PA	1.587,4	1.800,6	13,4	2.916	3.049	4,6	4.629,0	5.489,9	18,6
TO	2.013,3	2.145,8	6,6	3.781	3.466	(8,3)	7.612,9	7.437,1	(2,3)
NORDESTE	9.528,5	9.728,7	2,1	3.114	2.880	(7,5)	29.673,0	28.016,3	(5,6)
MA	1.900,0	2.020,2	6,3	3.875	3.642	(6,0)	7.361,8	7.357,0	(0,1)
PI	1.925,6	1.915,2	(0,5)	3.531	3.382	(4,2)	6.799,7	6.477,1	(4,7)
CE	954,4	940,7	(1,4)	488	738	51,3	465,4	694,2	49,2
RN	99,0	112,5	13,6	566	532	(6,0)	56,0	59,8	6,8
PB	219,3	224,0	2,1	696	588	(15,5)	152,6	131,7	(13,7)
PE	387,0	411,7	6,4	773	612	(20,9)	299,2	251,9	(15,8)
AL	96,7	100,9	4,3	2.041	1.533	(24,9)	197,4	154,7	(21,6)
SE	189,2	191,2	1,1	4.963	5.132	3,4	939,0	981,2	4,5
BA	3.757,3	3.812,3	1,5	3.567	3.124	(12,4)	13.401,9	11.908,7	(11,1)
CENTRO-OESTE	34.812,1	34.894,2	0,2	4.667	3.949	(15,4)	162.468,4	137.804,6	(15,2)
MT	21.210,6	21.190,1	(0,1)	4.761	4.048	(15,0)	100.980,2	85.774,6	(15,1)
MS	6.320,4	6.352,1	0,5	4.438	3.529	(20,5)	28.050,4	22.416,8	(20,1)
GO	7.102,6	7.172,6	1,0	4.593	4.015	(12,6)	32.619,1	28.799,7	(11,7)
DF	178,5	179,4	0,5	4.587	4.535	(1,1)	818,7	813,5	(0,6)
SUDESTE	6.987,2	6.992,8	0,1	4.328	3.729	(13,8)	30.238,4	26.076,4	(13,8)
MG	4.342,9	4.339,7	(0,1)	4.306	3.872	(10,1)	18.702,4	16.801,6	(10,2)
ES	24,3	22,9	(5,8)	2.477	2.415	(2,5)	60,2	55,3	(8,1)
RJ	3,2	2,8	(12,5)	3.313	3.321	0,3	10,6	9,3	(12,3)
SP	2.616,8	2.627,4	0,4	4.381	3.505	(20,0)	11.465,2	9.210,2	(19,7)
SUL	22.427,5	22.268,5	(0,7)	3.597	3.847	7,0	80.663,9	85.663,7	6,2
PR	10.744,9	10.435,5	(2,9)	4.285	3.767	(12,1)	46.037,2	39.312,4	(14,6)
SC	1.383,9	1.433,0	3,5	5.091	4.930	(3,2)	7.045,7	7.065,2	0,3
RS	10.298,7	10.400,0	1,0	2.678	3.778	41,1	27.581,0	39.286,1	42,4
NORTE/NORDESTE	14.319,8	14.969,1	4,5	3.243	3.067	(5,4)	46.441,0	45.903,4	(1,2)
CENTRO-SUL	64.226,8	64.155,5	(0,1)	4.256	3.890	(8,6)	273.370,7	249.544,7	(8,7)
BRASIL	78.546,6	79.124,6	0,7	4.072	3.734	(8,3)	319.811,7	295.448,1	(7,6)

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2024.



INTRODUÇÃO

A Conab apresenta as informações da safra 2023/24, neste oitavo levantamento, com informações sobre o que decorreu na primeira safra. Conforme a colheita avança nas lavouras de primeira safra, as de segunda safra têm a semeadura encerrada. Destaca-se o desafio de se quantificar e qualificar a safra do Rio Grande do Sul devido às condições climáticas severas que o estado enfrenta neste momento.

Além disso, para as culturas em que o plantio é incipiente, como terceira safra e as culturas de inverno, a Conab lança mão de estimativas geradas por modelos estatísticos e analisadas com base em previsões climáticas, pacotes tecnológicos, características e época de cultivo.

As estimativas refletem a expectativa de produção no mês anterior à publicação do boletim, levando em consideração as condições climáticas acontecidas e esperadas até o final do cultivo. Assim, há a possibilidade de alteração nos números em caso de condições climáticas adversas ou excepcionalmente favoráveis.

Como parte da metodologia, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos

estatísticos em relação ao histórico de produtividades. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab. Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, a partir das interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) e a partir de investigações de campo, tanto subjetivas, contando com a colaboração da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direto nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção, são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos, situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados da safra, sobretudo os ligados ao georreferenciamento e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa planilha de safra, disponível para download em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/boletim-da-safra-de-graos>.

Recomendamos a leitura do Boletim de Monitoramento Agrícola, publicado regularmente em <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/monitoramento-agricola> e do Progreso de Safra, disponível em <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progreso-de-safra> para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE ABRIL

Em abril de 2024, foram observados acumulados de chuva acima de 150 mm em grande parte do país, enquanto volumes inferiores a 60 mm foram observados na Região Sudeste. De modo geral, as chuvas foram suficientes para manter a umidade do solo em níveis satisfatórios na maioria das áreas.

Em grande parte da Região Norte, os volumes de chuva foram superiores a 200 mm, principalmente no norte do Pará, onde as chuvas ultrapassaram os 400 mm. De modo geral, os níveis de armazenamento hídrico do solo se encontram elevados na região, porém as chuvas prejudicaram o processo de colheita da soja em algumas áreas do Pará.

Na Região Nordeste, os maiores volumes de chuva foram observados no Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e costa leste da Bahia, Sergipe e Alagoas, com valores superiores a 150 mm, contribuindo para a manutenção da umidade no solo e o desenvolvimento das lavouras de segunda e terceira safras. Em áreas pontuais do sul da Bahia e oeste de Sergipe e Alagoas, os volumes de chuva foram menores.

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet - Brasília.

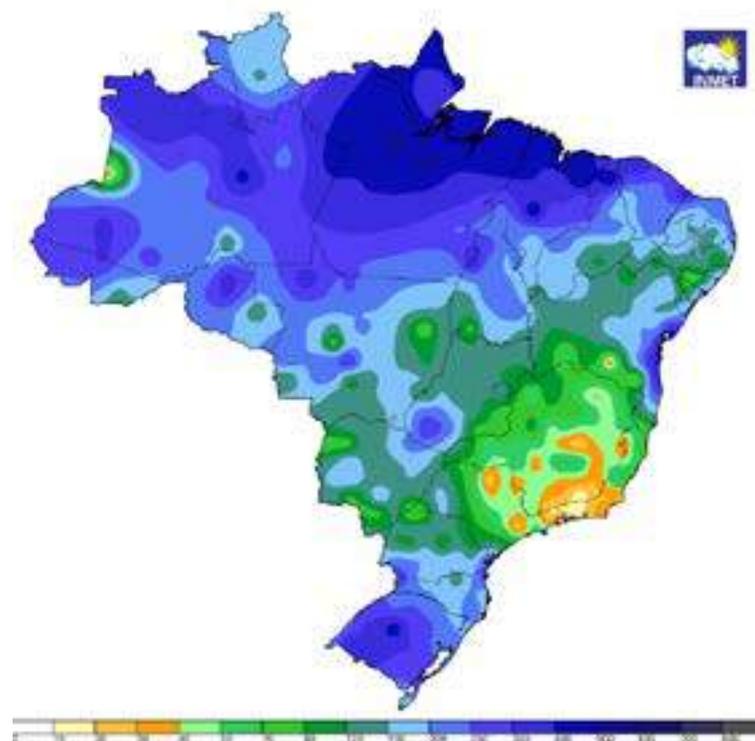
Na Região Centro-Oeste, os maiores volumes de chuva foram observados em Mato Grosso, sul de Goiás e nordeste do Mato Grosso do Sul, contribuindo para a elevação dos níveis de umidade no solo, favorecendo os cultivos de algodão e milho segunda safra. Nas demais áreas, os valores de chuva foram entre 120 mm e 150 mm, exceto no sul do Mato Grosso do Sul, onde houve irregularidade das chuvas e altas temperaturas, que reduziram os níveis de umidade do solo, afetando principalmente os cultivos de milho segunda safra.

Em grande parte da Região Sudeste, foram observados acumulados de chuva abaixo de 70 mm. No Rio de Janeiro, norte de São Paulo e centro-sul de Minas Gerais, algumas localidades tiveram volumes de chuva abaixo de 30 mm. No geral, as condições foram favoráveis para a colheita da soja e satisfatórias para o milho segunda safra em desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos.

Na Região Sul, os volumes de chuva foram inferiores a 70 mm sobre algumas localidades do norte do Paraná, enquanto nas demais áreas, as chuvas foram acima de 150 mm. Em geral, os níveis de água no solo permaneceram elevados em boa parte da região, havendo uma pequena recuperação da umidade no solo em relação ao mês anterior em áreas do Paraná. Destaca-se que, no Rio Grande do Sul, houve excedente hídrico devido às chuvas intensas ocorridas na última semana do mês, que interrompeu o desenvolvimento dos cultivos e as operações de colheita em grande parte do estado.

Em abril, as temperaturas médias foram superiores a 24 °C em grande parte do Brasil. Destaque para Roraima, sul do Mato Grosso e oeste do Mato Grosso do Sul, onde as temperaturas ultrapassaram os 28 °C, enquanto que na Região Sul e leste da Região Sudeste, permaneceram entre 20 °C e 24 °C. Já em áreas mais elevadas das Regiões Sul e Sudeste, as temperaturas médias foram inferiores a 20 °C.

FIGURA 1 - ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM ABRIL DE 2024



Fonte: Inmet.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na figura abaixo é mostrada a anomalia de Temperatura da Superfície do Mar (TSM), entre os dias 16 e 31 de abril de 2024. Foram observados valores de anomalias entre $0,5^{\circ}\text{C}$ e 1°C em toda a faixa do Pacífico Equatorial, exceto na região próxima à costa oeste da América do Sul, onde as temperaturas foram mais frias, com valores de até -2°C . Considerando a região do Niño 3.4 (área entre 170°W e 120°W), as anomalias médias positivas de TSM têm apresentado um decréscimo acentuado desde o início de abril, indicando o enfraquecimento do fenômeno El Niño.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 31 DE ABRIL DE 2024

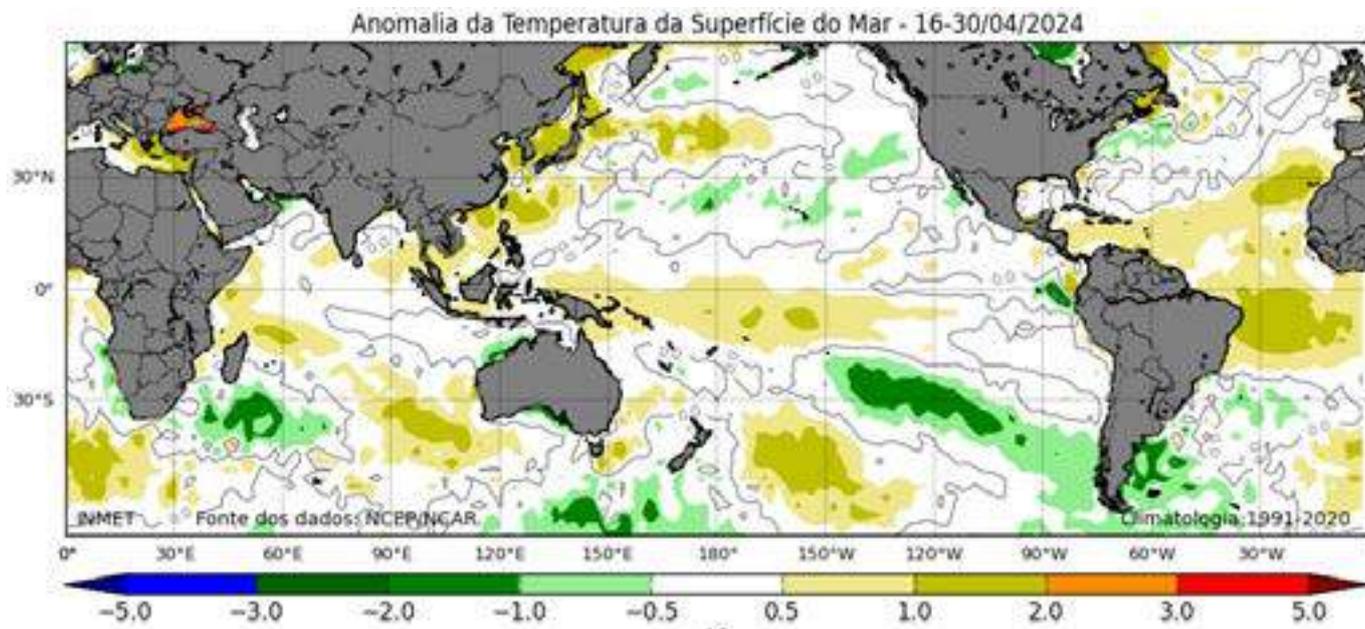
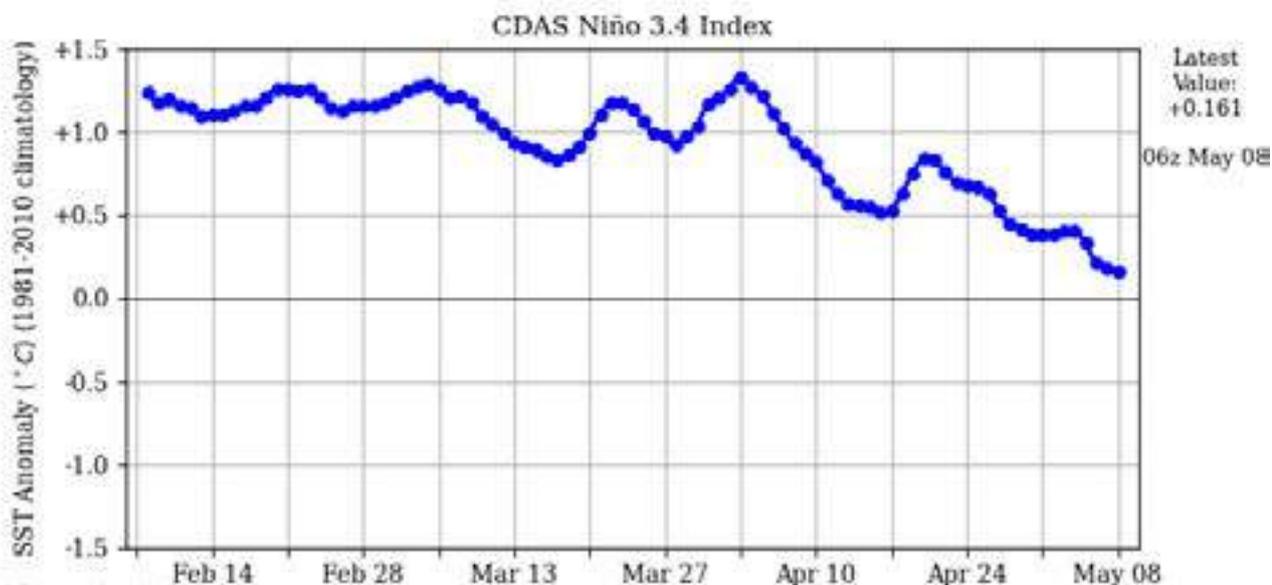


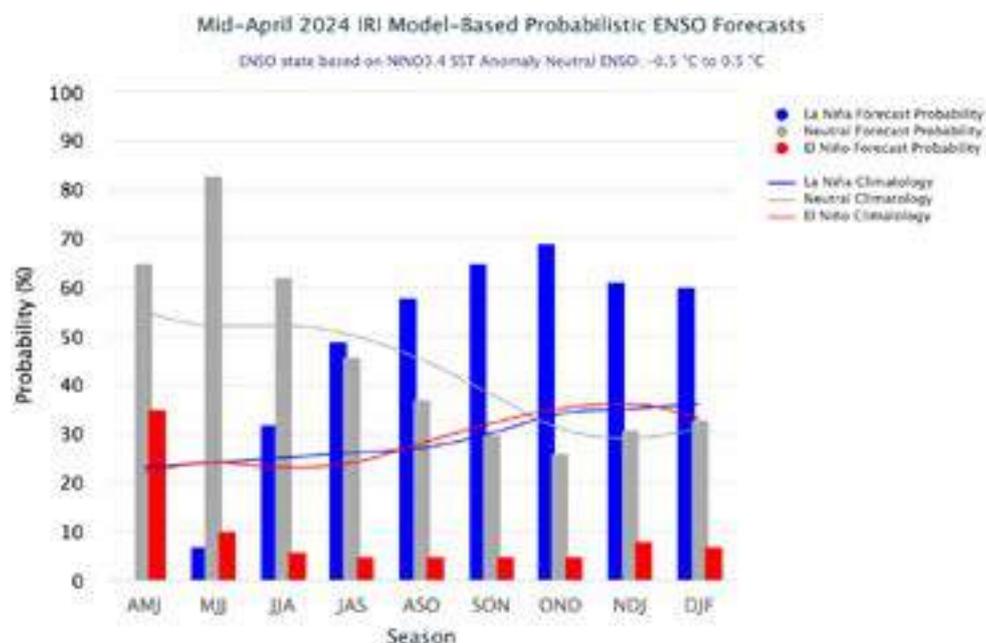
GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta para condições de neutralidade no trimestre maio, junho e julho de 2024, com uma probabilidade de 83%.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE *EL NIÑO* OU *LA NIÑA*



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO MAIO, JUNHO E JULHO DE 2024

As previsões climáticas para os próximos três meses, segundo o modelo do Inmet são mostradas na figura abaixo. O modelo indica chuvas abaixo da média na parte central do país. Nas demais áreas, são previstas chuvas acima da média. Geralmente, a partir de maio existe uma tendência de diminuição das chuvas na parte central do país e, conseqüentemente, ocorre redução nos níveis de água no solo.

Analisando separadamente cada região, tem-se que para a Região Norte, a previsão de chuvas acima da média em áreas do sul de Roraima, oeste e nordeste do Amazonas, noroeste do Pará e Amapá. Nas demais áreas, os volumes de chuva podem ficar próximos ou abaixo da média histórica, o que pode reduzir os níveis de umidade do solo nos próximos meses, principalmente no sul da região amazônica.

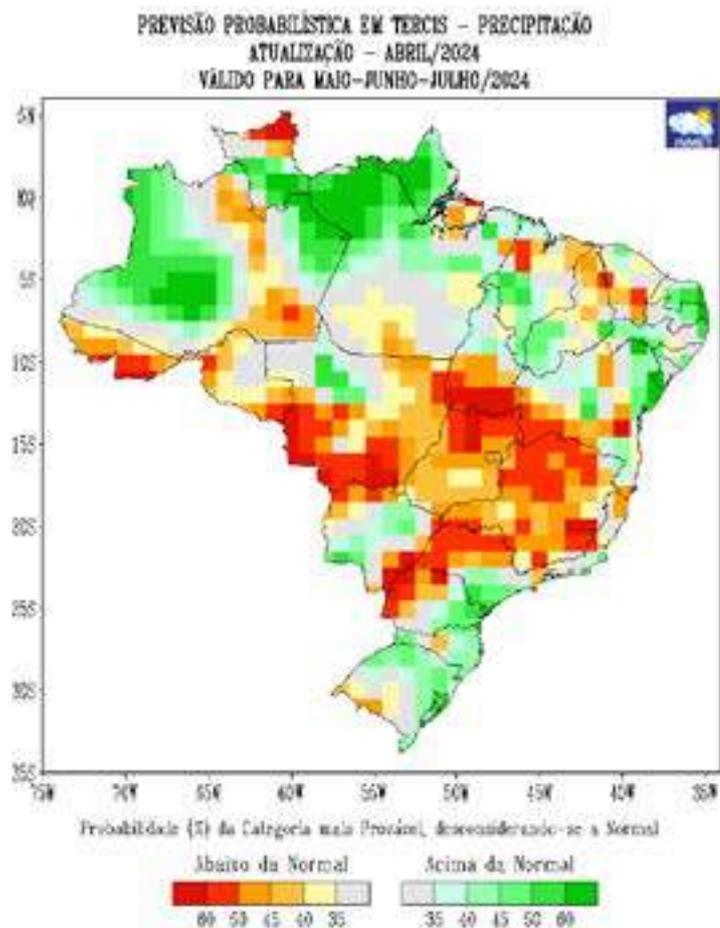
Na Região Nordeste, há previsão de chuvas acima da média no leste e parte sul do Maranhão e do Piauí. Para o interior da região, a previsão indica chuvas próximas ou abaixo da média, que podem contribuir para a redução do armazenamento hídrico no solo.

Em grande parte das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo do Inmet indica chuvas dentro ou abaixo da média, que podem contribuir para uma maior redução dos níveis de água no solo nos próximos meses. Em áreas do noroeste do Mato Grosso, centro do Mato Grosso do Sul, sudeste de São Paulo e litoral do Rio de Janeiro, as chuvas previstas podem ficar acima da média.

Na Região Sul, são previstas chuvas dentro ou acima da média, exceto no norte e noroeste do Paraná, bem como no oeste do Rio Grande do Sul, onde as chuvas podem permanecer abaixo da média, podendo afetar os níveis de água no solo nos próximos meses.

Em relação à temperatura média do ar, o modelo indica temperaturas acima da média climatológica em praticamente todo o país, especialmente em áreas do Mato Grosso, sul do Pará, Tocantins, sul do Maranhão e do Piauí, onde os valores médios podem ultrapassar os 26 °C. Já em áreas serranas das Regiões Sul e Sudeste, as temperaturas podem ser inferiores a 16 °C, pois não se descarta a entrada de massas de ar frio, que poderão causar declínio da temperatura mínima e possíveis formações de geadas.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE MAIO, JUNHO E JULHO DE 2024



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (<https://portal.inmet.gov.br>)

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.941,9 mil ha

16,7%

PRODUTIVIDADE

1.876 kg/ha

-1,6%

PRODUÇÃO

3.643,5 mil t

14,8%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.174,70	1.708	2.005,80
2018/19	1.618,20	1.717	2.778,80
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,60
2020/21	1.370,60	1.721	2.359,00
2021/22	1.600,40	1.596	2.554,10
2022/23	1.663,70	1.907	3.173,30
2023/24	abr/24	1.935,50	3.600,00
	mai./24	1.941,90	3.643,50

Fonte: Conab.

A produção de 3.643,5 mil toneladas de algodão em pluma representa um acréscimo em relação à safra passada, e ocorre pelo aumento da área cultivada nos principais produtores nacionais, Mato Grosso e Bahia, mesmo com a redução de produtividade em relação à excelente safra passada. Em comparação ao levantamento anterior, destaca-se o ajuste de área e produtividade na Bahia. A colheita inicia-se em Mato Grosso do Sul e avança a São Paulo, entretanto a maior parte das lavouras estão em formação de maçãs, com poucas lavouras semeadas mais tarde, em Goiás, que se apresentam em desenvolvimento vegetativo.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: as lavouras têm apresentado aspecto saudável de desenvolvimento, com estrutura vegetativa e dosséis bem formados. O tempo chuvoso foi favorável ao desenvolvimento da cultura, entretanto, excessos pontuais, em vários momentos ao longo de abril, impediram a efetivação das operações de campo, sobretudo para o controle de doenças e pragas, contudo sem afetar significativamente as lavouras.

Em comparação à safra passada, a cotunicultura apresenta aumento de área em temporada marcada por dificuldades, associadas à soja e ao milho, tanto do ponto de vista climático quanto mercadológico. O algodão ganhou espaço não apenas sobre a soja, na primeira safra, como também sobre o milho segunda safra, dada à maior rentabilidade que tem apresentado.

Bahia: estima-se aumento da área em relação à safra passada e em relação ao sétimo levantamento. A expansão do cultivo deve-se aos bons resultados obtidos na safra anterior e à expectativa do aumento do mercado internacional.

Estima-se queda da produtividade em relação à safra passada e aumento em relação ao sétimo levantamento. Apesar do aporte hídrico considerável no início de 2024, a estimava de redução na produtividade é devido à irregularidade das chuvas e instabilidade climática registrada no final de 2023. Todavia, o prolongamento da estação chuvosa criou ótimas condições para o desenvolvimento das lavouras, o que aumentou a expectativa de produção.

Nos últimos 30 dias, houve registro de chuvas em todas as localidades, com volumes entre 90 mm e 150 mm. Essas precipitações favoreceram o desenvolvimento das lavouras, assim, as condições climáticas ocorridas propiciaram resultado superior ao esperado no início da safra.

As lavouras de sequeiro e irrigado seguem com bom desenvolvimento, havendo em campo lavouras em formação de maçãs. O foco de pragas (mosca-branca, tripes, larva minadora, bicudo e spodoptera) persistem, mas em estágio que não causa perdas produtivas.

Devido ao risco climático de previsão de chuvas abaixo da média, houve a migração de cerca de 18 mil hectares de lavouras do manejo de sequeiro para o irrigado, a fim de manter a produção e não perder espaço no mercado internacional.

Mato Grosso do Sul: o comportamento climático nas regiões norte e nordeste, onde está concentrada as lavouras de algodão, caracterizou-se por período com precipitações bem distribuídas, que geraram excelente volume acumulado, com permanência de aproximadamente 15 dias de tempo, variando entre nublado e ocorrência de pancadas de chuvas.

A excelente umidade disponível no solo garantiu desenvolvimento adequado às plantas, mas a permanência de tempo nublado com alta umidade gerou

apodrecimento de maçãs do baixeiro que iniciaram a abertura, gerando um pequeno impacto na expectativa produtiva deste levantamento, além do favorecimento de fungos, com destaque para o aumento da incidência de danos foliares, ocasionado por *Corynespora cassicola*, doença conhecida por mancha-alvo.

As lavouras do sul estadual atingiram a maturação, com operações de desfolhamento e colheita em execução.

Goiás: a produtividade média esperada manteve-se em comparação ao levantamento passado. A maior parte das lavouras estão em plena fase reprodutiva, desde o estágio de floração, formação de maçãs e abertura de plumas nas partes baixas das plantas. As lavouras irrigadas tiveram as últimas áreas semeadas no início de abril e seguem todas em fase de desenvolvimento vegetativo.

O regime de chuvas nos primeiros dez dias de abril contribuiu para o desenvolvimento da cultura, entretanto ocorreu apodrecimento de maçãs no extremo-sul do estado devido ao excesso de chuvas. Já na segunda quinzena, as chuvas foram reduzindo de forma gradual. A água ainda presente no sistema no ambiente de sequeiro é o suficiente para o desenvolvimento ideal da cultura.



Foto 1 - Algodão - desenvolvimento vegetativo - Cristalina-GO

Fonte: Conab.

Foto 2 - Algodão - formação de maçã - Cristalina-GO



Fonte: Conab.

Maranhão: o cultivo da primeira safra de algodão ocorre nos municípios de Balsas e Tasso Fragoso, nos Gerais de Balsas, no sul do estado. O plantio da primeira safra de algodão foi realizado entre dezembro de 2023 e o início de janeiro de 2024.

As lavouras estão na fase de formação de maçãs, com algumas áreas no início da abertura de maçãs e formação de capulhos nos baixeiros, em estágio

mais adiantado do que o normal para o período, com aproximadamente 135 dias após emergência (DAE). Nas lavouras, observa-se a paralisação do crescimento da planta, sem emissão de novos nós, alcançando o corte fisiológico.

As lavouras apresentam boas condições gerais, com controle de pragas e doenças. Há presença de mosca-branca, pulgões, lagartas e percevejos nas bordaduras. Assim como, ramulária, mancha-alvo e mancha-de-alternária, mas em estágios controlados.

Na presente safra, a área de plantio do algodão primeira safra foi de 22,4 mil hectares, com aumento em relação ao ano anterior. A produtividade média permanece, com expectativa positiva.

A segunda safra de algodão, cultivada em Balsas, no sul do estado, teve semeadura entre a segunda quinzena de janeiro e a primeira quinzena de fevereiro de 2024, após a finalização da colheita da soja.

As lavouras de algodão safrinha se encontram em fase de floração, com aproximadamente 90 DAE, com ótimo desenvolvimento e alto potencial produtivo. As lavouras apresentam controle de pragas e doenças. Entretanto, necessitam de boas chuvas até maio para obtenção de produtividade e boa qualidade da pluma.

Na safra atual, a área de plantio da segunda safra de algodão é quase o dobro da área alcançada na safra anterior, devido à substituição de área de outras culturas como soja e milho.

São Paulo: a colheita do algodão começa a se intensificar na região de Avaré, Paranapanema e toda a abrangência da Cooperativa Holambra. Até

o momento, os produtores da referida região colheram em torno de 30% da produção. As regiões de Martinópolis e Riolândia estão mais atrasadas.

As temperaturas elevadas e a falta de chuvas agravaram a pressão de pragas como a mosca-branca, tripses e o pulgão, essas foram algumas das muitas adversidades que acometeram as lavouras de algodão.

Os produtores que cultivam o algodão, em sua maioria, pertencem à região de Holambra e, nesta safra, estes reduziram suas áreas, em comparação à safra passada, priorizando a soja.

Tocantins: nos últimos trinta dias, o acumulado de chuvas no estado foi de 120 mm a 300 mm, o que vem favorecendo o desenvolvimento das lavouras em fase de maturação e de formação de maçãs. O aumento de área em relação ao levantamento anterior ocorre pelo ajuste após a identificação de novas lavouras.

As lavouras começaram a abrir o capulho no baixeiro, e deverá finalizar esta abertura em meados de junho, e então ocorrer a desfolha e depois a colheita. Os produtores chegam a realizar de 22 a 24 aplicações entre inseticida, fungicida e herbicida, com foco na principal praga, que é o bicudo-do-algodoeiro.

Nesta safra, ocorreu também a migração da mosca-branca da soja para a cultura do algodão, onde o produtor vem realizando os controles preventivos. No algodão safra optou-se por cultivares de ciclo médio e tardio.

Minas Gerais: as chuvas regulares nas regiões produtoras propiciaram um bom desenvolvimento das lavouras, que se apresentam, em geral, em boas condições e com maçãs bem formadas.

Em casos pontuais, de lavouras que receberam maiores volumes de chuvas, foi observado apodrecimento de maçãs do baixeiro. Em outros casos, houve incidência de ramulária, que acabou obrigando os produtores a realizarem mais aplicações, mas sem ocasionar perdas significativas.

Para as lavouras mais adiantadas, produtores já se programam para aplicação de maturadores no decorrer de maio, visando a colheita na virada em junho.

Piauí: confirmou-se um aumento de área significativo em relação à safra anterior. A previsão inicial de problemas ocasionados por deficit hídrico em decorrência do El Niño têm sido poucos relevantes para o desenvolvimento da cultura no estado, assim, estima-se que se obtenha boas produtividades.

O aumento de área ocorre tanto com ampliação de áreas que já cultivam a cultura como incorporação de novas áreas. As lavouras seguem se desenvolvendo em boas condições, favorecidas pelas condições climáticas, sem impactos mais significativos de fatores bióticos, e se encontram em formação de maçãs e início de maturação.

Paraná: as condições de clima quente e seco em dezembro e grande parte de janeiro afetaram as lavouras, rebaixando a estimativa de produtividade quando comparada com a safra anterior.

Em abril a situação da cultura foi mantida com a mesma estimativa de produtividade, influência das chuvas que ocorreram em meados do mês, durante dois a três dias seguidos, e que amenizaram um pouco o impacto do clima quente e seco.

As condições são consideradas boas, na maior parte das áreas, sustentando a previsão de colheitas próximas às produtividades do último ano.

Continua

A cultura está retornando ao Paraná depois de muitos anos sem o plantio no estado. Utilizando alta tecnologia, a cultura traz boa remuneração ao produtor e o consumo é feito por indústrias do próprio estado como também em São Paulo.

Paraíba: até abril, 38,4% da intenção total de plantio foi efetivamente semeada. Fato acarretado pela má distribuição das chuvas, mesmo com a pluviosidade sendo superior ao aferido no mesmo período do ano passado. Tal cenário tardou o início do plantio. Na mesorregião da Zona da Mata, o plantio começou no início do mês.

Quanto às fases fenológicas, a cultura se encontra com 59,3% em desenvolvimento vegetativo e 36% em floração.

Rondônia: as chuvas estão ocorrendo de forma constante e distribuídas nas áreas destinadas ao plantio, esse aspecto climático favorece o bom desenvolvimento vegetativo e reprodutivo da cultura. É esperado que os arranjos climáticos futuros não contribuam para perdas nas lavouras.

As lavouras de algodão demonstram pleno vigor, com plantas encorpadas e de bom porte, já em fase reprodutiva nos talhões plantados mais cedo, pois o escalonamento no plantio favorece também a colheita estratificada.

Ceará: as chuvas na pré-estação ficaram acima do normal devido às intensas chuvas em fevereiro. Em março, as chuvas ficaram acima do normal, principalmente por causa das precipitações da segunda quinzena do mês. Em abril a situação se repetiu com chuvas acima do normal.

Contudo, cabe destacar que as previsões iniciais eram de maior probabilidade de as chuvas ficarem abaixo da média, impactando a expectativa de muitos produtores. Essa previsão foi corroborada com as chuvas de janeiro, que registraram uma queda.

Assim, em muitos municípios houve queda na perspectiva de área plantada por conta desse fato. Em relação aos reservatórios, o estado vive seu melhor aporte hídrico dos últimos 11 anos para abril, registrando 56,4% da capacidade de armazenagem de águas em reservatórios.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica																			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2023/2024																
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET						
RO	Leste Rondoniense	0,68			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C						
TO	Oriental do Tocantins	0,32		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	2,23		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C							
	Sul Maranhense - 2ª Safra					S/E/DV	DV	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C						
PI	Sudoeste Piauiense	0,86		S/E	E/DV	DV	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C							
BA	Extremo Oeste Baiano	20,80		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C						
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	45,87		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	6,74			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C						
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
MT	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	0,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C						
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	0,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C						
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	13,99		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C						
MS	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	1,83		S/E/DV	DV	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C							
GO	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	0,51	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
	Leste Goiano - 1ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C						
	Leste Goiano - 2ª Safra	1,48		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
	Sul Goiano - 1ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C						
MG	Sul Goiano - 2ª Safra	0,67	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
	Noroeste de Minas - 1ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C							
	Noroeste de Minas - 2ª Safra	0,68	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C							
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C								

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

De acordo com as informações levantadas pela Conab, para o oitavo levantamento da safra 2023/24, a área destinada à safra de algodão teve crescimento de 16,7% e ocupando 1,94 milhão de hectares. Esse crescimento de área garantirá ao país uma supersafra de 3,64 milhões de toneladas de algodão em pluma. Embora a produtividade se apresente 1,6% menor que a da safra passada, ela ainda está em um excelente patamar, graças às condições climáticas favoráveis e às tecnologias e qualidade das sementes e do cultivo.

No primeiro trimestre de 2024, as exportações brasileiras de algodão em pluma somaram 761,1 mil toneladas, de acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). Este montante representa quase a metade de todo o ano anterior, quando foram exportadas 1.618,2 mil toneladas. A China, Vietnã e Bangladesh foram os seus três principais destinos. Espera-se que em abril estas exportações atinjam algo próximo de 250 mil toneladas, e o total exportado em todo o ano de 2024 chegue a 2,71 milhões de toneladas, graças ao preço competitivo da pluma brasileira no mercado externo, bem como a sua qualidade.

Em abril de 2024, o mercado interno de algodão esteve com bastante lentidão. Compradores estiveram retraídos e vendedores não apareceram no mercado devido à grande pressão sobre os preços. As indústrias adquiriram apenas quantidades suficientes para suas demandas imediatas. Outro fator limitante para fechamento dos negócios foi a dificuldade dos agentes em acordar preço e/ou qualidade dos lotes disponibilizados para venda.

Espera-se que, diante de um maior crescimento da economia, o consumo interno este ano seja melhor que do anterior, atingindo 710 mil toneladas.

Diante deste cenário, os estoques finais devem crescer em torno de 10%, chegando a 2,42 milhões de toneladas, crescimento de 10% em relação à safra anterior.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	629,1	2.005,8	19,6	2.654,5	700,0	974,0	980,5
2018/19	980,5	2.778,8	1,7	3.761,0	720,0	1.613,7	1.427,3
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	680,0	1.618,2	2.197,2
2023/24	abr/24	2.197,2	3.600,0	1,0	5.798,2	710,0	2.373,2
	mai/24	2.197,2	3.643,5	1,0	5.841,7	710,0	2.416,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2024.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.574,9 mil ha

+6,4%

PRODUTIVIDADE

6.664 kg/ha

-1,7%

PRODUÇÃO

10.495,1 mil t

+4,6%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.972,1	6.118	12.064,2
2018/19	1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20	1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21	1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22	1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23	1.479,5	6.780	10.031,8
2023/24	abr./24	1.544,8	10.567,2
	mai./24	1.574,9	10.495,1

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Em decorrência das frequentes e volumosas chuvas, houve alagamentos, inundações e extravasamento dos rios, no Rio Grande do Sul, principal produtor de arroz. Os prejuízos às lavouras ainda estão sendo mensurados, mas já é certo que haverá perdas de lavouras.

Nos demais estados, a colheita avança favorecida pela estabilidade climática, apresentando áreas com tempo seco e quente, contudo alterna-se com a condição de volumes de chuvas contínuos que retarda ou impede a operação.

Diante do cenário com períodos apresentando umidade e temperaturas elevadas, há a ocorrência generalizada de plantas invasoras em muitas das áreas de cultivo, assim como a presença de pragas no final do ciclo. A qualidade dos grãos colhidos é satisfatória, com bons rendimentos também na quantidade de grãos inteiros, apesar da influência das adversidades climáticas na produtividade das lavouras durante o ciclo produtivo da cultura em muitas áreas pontuais no país.

Há destaque para as áreas de cultivo já realizando a operação de colheita em Santa Catarina, atingindo mais de 90% da área total, Goiás e Mato Grosso com mais de 80% colhido. Enquanto que as áreas no Rio Grande do Sul tiveram a colheita suspensa, desde o aumento do acumulado de chuvas no estado.

A estimativa mostra um aumento de área cultivada, tanto do arroz irrigado quanto do sequeiro, comparado com a safra anterior, motivado na semeadura pela expectativa da melhoria dos preços praticados no mercado do cereal.

A produtividade média deve reduzir, conforme os impactos oriundos da situação catastrófica no Rio Grande do Sul são mensurados.

A área de arroz irrigado foi estimada em 1.249,8 mil hectares, com aumento de 6,3%, comparando-se à safra passada. Quanto ao arroz de sequeiro, houve um aumento de área em 7,1% em relação à safra 2022/23, estimada, para a safra 2023/24, em 325,1 mil hectares.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: diante da tragédia das enchentes e volumes recordes de chuvas na história do estado, os prejuízos sem precedentes, tanto com a

perda de vidas quanto possíveis danos severos na agricultura, resultará em desolação e agravos, não só nas áreas de produção quanto em todo o país.

Salientamos que a realização do oitavo levantamento de safra compreendeu entre os dias 22 e 26 de abril, juntamente com o monitoramento do clima na região das áreas produtoras no qual alternou, no início do mês, em dias de instabilidade com muito calor e chuvas localizadas, principalmente no Extremo-Sul, Campanha e Depressão Central, enquanto que na Região Sul houve registro de ventania e queda de granizo até que uma massa de ar frio passou a atuar sobre o estado, trazendo instabilidade para a maioria das regiões e redução da temperatura, chegando a uma sequência de chuvas com temporais com altos volumes acumulados, apesar de ainda ocorrer mudança no tempo, com dias mais secos e quentes.

Diante de tal situação, ainda é complexo mensurar todos os danos causados nas lavouras de arroz e afirmar prejuízos irreparáveis, como perda total do produto, mesmo que já colhido, uma vez que há a situação de impedimento do escoamento da produção assim como extrema dificuldade na armazenagem dos grãos que possa manter a qualidade do produto.

Sendo assim, o excesso de chuvas, ventos fortes, alagamentos e acamamento do arroz impediram a finalização da colheita, ocorrendo maior atraso na operação na região da Depressão Central. Em todo o estado, a colheita praticamente parou desde o final de abril, permanecendo em 83%, os 17% restantes estavam em maturação.

Na região da Campanha, os produtores que cultivam arroz e soja priorizaram a colheita da oleaginosa por ser mais perecível que o arroz e ter grandes áreas cultivadas em várzea. A produtividade do arroz passou a reduzir quando as lavouras semeadas em dezembro começaram a ser colhidas, enquanto

que as lavouras semeadas dentro do período ideal tiveram produtividades acima da expectativa.

Na Fronteira Oeste, a colheita chegou a 88% da área semeada. Na Região Central, onde a colheita está mais atrasada, faltando colher cerca de 40% da área semeada, os alagamentos deverão provocar maiores prejuízos. Na Planície Costeira Externa, a colheita estava próxima de 85%, e na Planície Costeira Interna chegou a 83%, Campanha 86% e na Zona Sul o percentual colhido estava próximo de 84%.

Diante da situação calamitosa, as perdas ainda estão sendo mensuradas, mas já é certo que haverá impactos que podem chegar a 8% da área total semeada, reduzindo a estimativa de produtividade nesse levantamento.

Santa Catarina: restando apenas algumas lavouras na região sul, a colheita do arroz vai se aproximando da conclusão. Tendo em vista as adversidades climáticas ocorridas ao longo do ciclo produtivo, a alta intensidade de chuvas e a falta de luminosidade no início do plantio interferiu negativamente no desenvolvimento das lavouras, havendo até a necessidade de replantio em algumas áreas.

Como efeito, também ocorreu o surgimento de plantas invasoras pela dificuldade de seu controle, assim como a lixiviação de nutrientes que também exerceu influência no resultado do ganho de produtividade, apresentando queda em relação à safra passada. A qualidade do grão, em geral, ficou dentro do esperado, mas com casos pontuais de redução em virtude do ataque de pragas, como percevejos. Houve relatos da ocorrência de cigarrinhas no final do ciclo.

Tocantins: quanto ao arroz irrigado, as lavouras estão em fase de maturação, e em dias mais estáveis, em relação ao clima, as operações de colheita são

retomadas. Em Formoso do Araguaia, a colheita está avançada, chegando a 90% da área total.

Em razão de condições como temperaturas elevadas acima da média e períodos de veranicos durante o desenvolvimento da cultura, houve influência na produtividade final das lavouras. Nas regiões de plantio que abrangem Pium, Lagoa da Confusão, Dueré e Cristalândia, a semeadura foi bem escalonada em razão das baixas precipitações e dos baixos níveis dos reservatórios, contudo a colheita está avançando normalmente.

Houve o plantio de arroz irrigado na segunda safra e o volume de chuvas atuais tem favorecido o bom desenvolvimento das lavouras que estão em fase vegetativa, onde o sistema de irrigação é por gravidade, com a inundação dos talhões. Quanto ao arroz de sequeiro, as lavouras estão em fase de maturação e colheita, compreendendo áreas da agricultura familiar.



Foto 3 - Arroz irrigado - 1ª safra - Formoso do Araguaia - TO

Fonte: Conab.

Foto 4 - Arroz irrigado - 1ª Safra - TO



Fonte: Conab.

Goiás: a colheita avança em ritmo acelerado tanto nas áreas irrigadas sob pivô quanto nas áreas de sequeiro. As áreas irrigadas colhidas apresentaram ótimas médias iniciais de produtividade e, sob pivôs centrais, se encontram em fase de floração (formação de cachos), e estão em boas condições fisiológicas, até o momento. Nas demais áreas irrigadas sob sistemas de irrigação por tabuleiros, a colheita praticamente já foi encerrada, com boas produtividades.

Porém, as áreas com arroz de sequeiro tiveram problemas com a escassez hídrica na fase de enchimento de grãos, principalmente devido à estiagem na fase inicial da cultura, e com a ocorrência de plantas daninhas, principalmente após a regularidade das chuvas, apresentando médias de produtividade mais baixas que o esperado, apesar de haver outras áreas que ainda serão colhidas e que estão com melhores condições de manutenção das lavouras. As áreas de sequeiro estão em 20% floração, 50% em maturação e 30% colhida.

Maranhão: a colheita do arroz irrigado está finalizada desde março, em um total de 3,6 mil hectares, com aumento de 16,1% em relação à safra anterior,

devido à expansão de área dos produtores e de novos cultivos. Para o arroz de sequeiro, as lavouras se encontram entre floração e colheita, com mais de 20% da área semeada já colhida.

Nas regiões do norte e centro maranhense, ocorre o cultivo de sequeiro, com uso de cultivares de arroz irrigado, em áreas planas, onde ocorre inundação natural dos campos por águas das chuvas, sem controle de irrigação, com pacote tecnológico mais moderno, onde as lavouras se encontram em floração, enchimento de grãos, maturação e colheita. A colheita foi realizada em 20% da área em São Mateus do Maranhão e em Arari e, em Vitória do Mearim, em um menor ritmo, em razão do excesso de chuvas. Nesta safra, houve um aumento dessas áreas em virtude dos preços atrativos do produto.

Na região sul do estado há plantio de arroz de sequeiro, possivelmente para abertura de áreas de outros cultivos, como soja ou milho. A maior parte do cultivo de arroz de sequeiro é realizado pela agricultura familiar, em plantios consorciados com milho, feijão-caupi e mandioca, em que o atraso na semeadura, ocasionado pela irregularidade das chuvas e dificuldades na aquisição de sementes, mostrou redução na área estimada de plantio em relação à safra anterior, enquanto que a produtividade tem uma variação considerável entre a produção com menor aporte de tecnologia e a produção com pacote tecnológico mais aprimorado.



Foto 5 - Arroz 1ª Safra - São Domingos do Azeitão - MA

Fonte: Conab.

Minas Gerais: as áreas tradicionais de arroz irrigado do sul do estado se desenvolveram satisfatoriamente, visto que mesmo com uma certa irregularidade das chuvas houve disponibilidade de água suficiente para manutenção dos tabuleiros encharcados durante o período de desenvolvimento dessas lavouras.

Houve ajuste de área advindo de 14 mil hectares de arroz irrigado sob pivô na região noroeste do estado, onde as lavouras estão predominantemente em maturação e parte das áreas ainda em enchimento de grãos.

Já para as áreas de sequeiro, especialmente da região norte, houve desenvolvimento insatisfatório e perdas de lavouras, causados pela estiagem prolongada ao longo da evolução da cultura, onde, com a regularidade das chuvas, parte das lavouras se recuperaram e ocorreu o replantio de áreas perdidas, resultando numa estimativa de queda na produção em relação à safra passada.

Mato Grosso: apesar das precipitações terem limitado o avanço da colheita e demais manejos no campo, a operação está quase finalizada,

e a produtividade média variou em torno de 3.600 kg/ha, com grãos apresentando qualidade dentro do limite de tolerância. O volume de chuvas favoreceu o desenvolvimento vegetativo do plantio das lavouras de segunda safra, em uma área de 1,2 mil hectares, com semeadura no estado.

Mato Grosso do Sul: em locais que não dependem da regularidade das chuvas para a formação de lâmina de água, predomina a operação de colheita que, em lavouras tardias, apresentaram a produtividade abaixo do esperado, já que foram implantadas fora da janela de plantio ideal, sendo prejudicadas, principalmente, pela redução do fotoperíodo adequado à cultura.

São Paulo: para o arroz irrigado, nas regiões de Guaratinguetá e Pindamonhangaba, estimam que 50% já foram colhidos, mostrando um aumento na produtividade em relação à safra passada, com investimentos nos tratamentos culturais nas lavouras atribuídos à motivação da melhoria dos preços praticados no mercado.

Quanto ao arroz de sequeiro, semeado praticamente para subsistência local, houve queda na produtividade, também quando comparado à safra anterior, devido ao déficit hídrico e às altas temperaturas durante seu ciclo vegetativo.

Paraná: o histórico das adversidades climáticas para o ciclo do arroz irrigado, nesta safra, foi de ter a necessidade de replantio em algumas áreas, principalmente no noroeste paranaense, devido às chuvas excessivas à época, reduzindo a área total de plantio, e resultando em redução na produção, mesmo após as condições de clima quente e seco, e o retorno das chuvas nas áreas produtoras. A cultura está distribuída nas fases de frutificação e maturação, enquanto a colheita atingiu mais de 87% da área total.

Para o arroz de sequeiro, a maior parte das lavouras apresentam bom

desenvolvimento, porém tendo ocorrido alta nebulosidade com baixas temperaturas e alto volume de precipitações durante o desenvolvimento das lavouras, seguida por clima seco e quente em algumas regiões produtoras, muitas parcelas apresentam desenvolvimento que podem ser consideradas regulares. Observou-se redução na produtividade em relação à última safra e ao último levantamento, aliada ainda à baixa tecnologia aplicada tradicionalmente, nesta cultura que se encontra com 4% em maturação e 96% colhido.

Alagoas: a colheita está em 70%, estando as demais áreas na fase de enchimento de grãos e maturação, com lavouras já em ponto de colheita. Houve ocorrência de plantas invasoras e presença de pragas nas lavouras, sobretudo a infestação acentuada de percevejos, que contribuíram para a redução da produtividade de algumas áreas.

Piauí: o cultivo do arroz de sequeiro ocorre geralmente nas áreas da agricultura familiar, e tem observado a implantação da cultura também na região norte em aberturas de áreas para outros cultivos, principalmente a soja.

Como consequência da irregularidade das chuvas, as lavouras estão em diversos estádios fenológicos, desde áreas em desenvolvimento vegetativo até áreas com a colheita já iniciada. Na região sudeste do estado há áreas em condições ruins, onde foi necessário realizar o replantio. A semeadura do arroz irrigado no estado ainda não foi iniciada.

Rondônia: a maioria das lavouras implantadas na safrinha apresentam-se em fase final de desenvolvimento vegetativo, com algumas áreas já em início de enchimento de grãos. Foi observado em campo que algumas cultivares têm baixa resistência às intempéries, como ventos fortes e chuvas torrenciais e, com isso, apresentam-se com acamamento e algumas áreas

com inundações, o que poderá resultar num baixo rendimento do produto na colheita.

Tem sido observado um incremento nas áreas de produção, onde, devido à irregularidade das chuvas na semeadura, houve substituição do cultivo da soja pelo plantio do arroz primeira safra. Essas áreas estão em fase final de maturação, e com a maioria das áreas já colhidas.

Pará: o arroz de sequeiro teve um aumento de área em razão de ajustes abrangendo as regiões intermediárias de Castanhal e Santarém. A instabilidade do volume de precipitações durante o desenvolvimento das plantas também influenciou no rendimento das lavouras, apesar da melhoria dessas condições com o retorno de chuvas. Quanto ao arroz irrigado, este já está em fase adiantada de colheita.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica													
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2023/2024										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RR**	Norte de Roraima	0,72						S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C	
RO	Leste Rondoniense	0,62						S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C
TO**	Ocidental do Tocantins	4,71			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MA	Centro Maranhense	0,58						S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C C
MT	Norte Mato-grossense	2,91			S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	CC	
GO**	Leste Goiano	0,57		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
PR**	Noroeste Paranaense	1,17	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C		
SC**	Norte Catarinense	1,32	S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Vale do Itajaí	2,02	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Catarinense	7,45	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Continua

Legenda – Condição hídrica						
Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2023/2024											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	6,20		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	4,08		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre	16,93		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	29,07		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Sudeste Rio-grandense	14,77		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**)=total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra brasileira 2023/24 de arroz será 4,6% maior que a safra 2022/23, projetada em 10,5 milhões de toneladas. Esse resultado é reflexo principalmente da estimativa de significativa expansão de área em meio à recuperação da rentabilidade projetada para o setor. Todavia, cabe pontuar que os recentes extremos eventos climáticos no Rio Grande do Sul, que ainda serão melhor mensurados, poderão refletir em maiores revisões nas áreas colhidas e nas produtividades no próximo levantamento.

Sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste oitavo levantamento, estima-se uma expansão do consumo nacional para 11 milhões de toneladas na safra 2023/24. Essa revisão foi realizada com base no provável cenário de políticas públicas de incentivo à ampliação de consumo de arroz ao longo de 2024. Mais especificamente sobre a balança comercial, as exportações, na safra 2021/22, apresentaram um significativo volume comercializado e encerraram 2022 com 2,1 milhões de toneladas vendidas, em razão da boa

competitividade do grão no mercado internacional e quebra da safra norte-americana.

Na safra 2022/23, em meio a um cenário de menor disponibilidade do grão e de maiores preços internos, notou-se uma retração do volume comercializado com o mercado externo para 1,8 milhão de toneladas, sendo esse valor próximo da média comercializada ao longo dos últimos anos, com exceção da safra 2020/21, que apresentou movimentação atípica. Para a safra 2023/24, com a alta probabilidade que os preços internos operem acima das paridades de exportação e com a recomposição produtiva norte-americana, a projeção é de redução dos volumes exportados para 1,2 milhão de toneladas pelo Brasil.

Sobre as importações, o país importou 1,5 milhão de toneladas em 2023 e, para 2024, projeta-se uma expansão do volume importado para 2,2 milhões, em razão ainda da necessidade de recomposição da oferta nacional. Com isso, em meio aos números apresentados, a projeção é que o estoque de passagem apresente incremento ao longo de 2024, com um volume estimado de 2,3 milhões de toneladas ao final do ano em curso. Cabe destacar, que a futura averiguação dos impactos do excesso de chuvas no Rio Grande do Sul sobre a safra de arroz brasileiro poderá refletir em uma posterior readequação dos dados do quadro de suprimento do grão.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10.793,7	1.809,3	2.425,8
2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10.544,6	1.432,3	1.945,0
2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	10.708,3	1.813,4	1.887,5
2020/21	1.887,5	11.766,4	1.004,1	14.658,0	10.832,4	1.143,5	2.682,1
2021/22	2.682,1	10.780,5	1.212,3	14.674,9	9.996,6	2.111,3	2.567,0
2022/23	2.567,0	10.031,8	1.442,5	14.041,3	10.500,0	1.753,9	1.787,4
2023/24	abr/24	1.787,4	10.567,2	1.450,0	13.804,6	10.500,0	1.804,6
	mai/24	1.787,4	10.495,1	2.200,0	14.482,5	11.000,0	2.282,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2024.

Estoque de passagem - Arroz: 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA

2.866,5 mil ha

+6,2%

PRODUTIVIDADE

1.160 kg/ha

+3,1%

PRODUÇÃO

3.325,7 mil t

+9,5%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Pelo seu apelo alimentar, mercadológico e agrônômico, a cultura tem grande relevância na agricultura nacional. Nesse último quesito, tem papel fundamental no planejamento de calendário agrícola, justamente por possuir um ciclo fenológico considerado adequado ao seu plantio em uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra.

Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio de feijão, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2023/24

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.061,2	1.212	1.286,4
2018/19	922,6	1.072	989,1
2019/20	914,5	1.209	1.105,6
2020/21	909,2	1.074	976,4
2021/22	909,3	1.036	941,8
2022/23	857,3	1.116	956,6
2023/24	abr/24	852,6	901,8
	mai/24	851,1	929,2

Fonte: Conab.

Essa primeira safra está praticamente finalizada, restando poucas áreas a serem colhidas, em particular no Nordeste, sendo aquelas que tiveram maior atraso na semeadura em virtude da postergação das chuvas no começo do ciclo.

Vale ressaltar que, nessas lavouras de plantio posterior, os resultados vêm se mostrando muito bons, já que o desenvolvimento acabou acontecendo em condições climáticas mais favoráveis à cultura, quando comparado ao início do ciclo, principalmente com chuvas mais regulares e de melhor distribuição, além de temperaturas mais amenas. Assim, a estimativa média do rendimento tem melhorado em relação ao divulgado nos últimos levantamentos por conta desses incrementos provenientes das áreas tardias, com melhores condições.

ANÁLISE ESTADUAL

FEIJÃO-COMUM CORES

Minas Gerais: a cultura já teve sua colheita finalizada no estado. De maneira geral, apesar da recuperação de parte do potencial produtivo das lavouras

mais tardias, favorecidas por uma maior regularidade das chuvas no final do verão e início do outono, o rendimento médio acabou sendo abaixo daquele alcançado na temporada passada, bem como a área plantada, que sofreu ajuste em relação ao último levantamento e também se estabeleceu com um valor inferior ao visualizado em 2022/23.

Vale pontuar que algumas áreas de colheita mais tardia acabaram por enfrentar chuvas em excesso e tiveram a qualidade dos grãos reduzida em razão dessa umidade elevada na maturação e sega.

Bahia: a colheita vai se encaminhando para a fase final, tendo previsão de se estender até meados de maio, já que as chuvas ocorridas no último mês prolongou o ciclo. No entanto, essas precipitações melhoraram as condições das lavouras, especialmente aquelas mais tardias, que demonstrou ganhos de rendimento nos grãos e impactaram a produtividade média da cultura na safra como um todo (aumento em relação ao estimado anteriormente, mesmo com o registro pontual de perdas por pragas e doenças no centro-norte do estado).

Goiás: a colheita está encerrada no estado. A escassez de chuvas no início do ciclo e durante parte da fase reprodutiva prejudicou aquelas lavouras de semeadura mais precoce. Porém, como grande parte das lavouras foram cultivadas sob regime de pivô central, tais perdas estiveram mais associadas às altas temperaturas. Assim, a produtividade média alcançada ficou pouco abaixo que no ano passado, bem como a área plantada, que também sofreu redução em relação ao mesmo período.

Quanto ao aspecto qualitativo, o excesso de chuvas em períodos da colheita fez com que aumentasse a incidência de grãos avariados e manchados. Assim, muitos lotes foram classificados com padrão abaixo do esperado, diminuindo até mesmo o preço pago pelo produto em alguns casos.

Paraná: as lavouras se encontram com 100% colhidas, confirmando assim as estimativas de redução na produção em comparação à temporada passada, principalmente em razão das condições climáticas adversas em partes do ciclo, que afetaram o rendimento médio obtido. Também houve diminuição na área plantada em relação a 2022/23, embora tenha um leve aumento em relação à estimativa do levantamento passado, com muitas dessas áreas sendo direcionadas para o plantio de feijão-preto e soja.

O excesso de chuvas, registrado entre outubro e novembro de 2023, assim como os períodos de estiagem e de altas temperaturas apresentadas entre dezembro de 2023 e janeiro de 2024, foram cruciais para a queda no potencial produtivo da cultura. Além disso, algumas dessas condições climáticas favoreceram o aumento da incidência de pragas e doenças nas lavouras, em especial da antracnose, que, pelo cenário climático, teve o seu controle dificultado e gerando danos acima do esperado sobre o produto.

Santa Catarina: colheita concluída. As condições climáticas foram oscilantes ao longo do ciclo e isso gerou grande diversidade nos resultados obtidos dentro das regiões produtoras no estado. Aquelas áreas que foram semeadas mais precocemente apresentaram maiores impactos sobre o potencial produtivo da cultura, visto que principalmente o excesso de chuva em parte do ciclo limitou o rendimento alcançado.

Já as lavouras com implantação mais tardia demonstraram desempenho produtivo superior, por disporem de melhores condições climáticas ao longo do ciclo, assim, elevaram a média de produtividade da cultura, inclusive sobre as estimativas divulgadas no último levantamento, mas ainda inferiores à produtividade média obtida na safra anterior.

Vale destacar a boa qualidade do produto colhido, caracterizado por grãos de tamanho superior e tegumento liso.

Rio Grande do Sul: a colheita foi finalizada em meados de abril, visto que as operações foram realizadas em períodos intercalados, quando as chuvas e o excesso de umidade nos solos não inviabilizavam as atividades de campo. Inclusive, havia uma preocupação quanto à qualidade dos grãos obtidos nessas condições mais úmidas, contudo, o produto, no geral, apresentou bom padrão de qualidade, principalmente em tamanho e coloração.

Mesmo com um início de ciclo com chuvas irregulares e altas temperaturas, a maior parte do desenvolvimento da cultura se deu em boas condições, viabilizando aumento no potencial produtivo e trazendo resultado quantitativo superior ao alcançado no ano passado.

Distrito Federal: a colheita está encerrada. Observa-se que as áreas de semeadura mais precoces enfrentaram intempéries climáticas mais acentuadas, com escassez de chuvas e altas temperaturas em fases críticas do ciclo da cultura. Porém, as lavouras de implantação mais tardia apresentaram melhores condições de desenvolvimento e melhoraram a média da produtividade, que foi comprometida e ficou inferior àquela alcançada em 2022/23.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: a colheita foi finalizada em março, e as estimativas de redução na produção em comparação à temporada passada foram confirmadas, principalmente em razão das condições climáticas adversas em partes do ciclo, que afetaram o rendimento médio obtido, bem como da diminuição na área plantada em relação à 2022/23, com muitas dessas áreas direcionadas para o plantio de soja.

O excesso de chuvas, registrado entre outubro e novembro de 2023, assim como os períodos de estiagem e de altas temperaturas apresentadas entre

dezembro de 2023 e janeiro de 2024, foram cruciais para a queda no potencial produtivo da cultura. Além disso, algumas dessas condições climáticas favoreceram o aumento da incidência de pragas e doenças nas lavouras, em especial da antracnose, que, pelo cenário climático, teve o seu controle dificultado e gerando danos acima do esperado sobre o produto.

Santa Catarina: colheita concluída. As condições climáticas foram oscilantes ao longo do ciclo e isso gerou grande diversidade nos resultados obtidos dentro das regiões produtoras no estado. Aquelas áreas que foram semeadas mais precocemente apresentaram maiores impactos sobre o potencial produtivo da cultura, visto que principalmente o excesso de chuva em parte do ciclo limitou o rendimento alcançado. Já as lavouras com implantação mais tardia demonstraram desempenho produtivo superior, por disporem de melhores condições climáticas ao longo do ciclo, assim, elevaram a média de produtividade da cultura, inclusive sobre as estimativas divulgadas no último levantamento, mas ainda inferior à produtividade média obtida na safra anterior.

Vale destacar a boa qualidade do produto colhido, caracterizado por grãos de tamanho superior e tegumento liso.

Rio Grande do Sul: as operações no Planalto Superior foram finalizadas, e a colheita da cultura enfim se encerrou, mesmo diante das chuvas que dificultaram essa fase derradeira do ciclo.

As primeiras áreas colhidas apresentaram rendimentos dos grãos abaixo do esperado em razão dos efeitos das altas temperaturas e da estiagem que ocorreram no final de janeiro e início de fevereiro. A condição climática mencionada causou o abortamento de flores, diminuindo o número de grãos por planta, um dos principais componentes do rendimento de culturas de grãos. Contudo, as lavouras mais tardias apresentou melhores condições,

e acabaram por incrementar a média da produtividade da cultura, que ficou acima da temporada anterior (e também superior ao levantamento anterior).

A qualidade geral dos grãos também foi considerada boa, mesmo diante de perdas pontuais pelo excesso de umidade na maturação e colheita.

FEIJÃO-CAUPI

Piauí: a cultura foi semeada com atraso em relação à safra anterior, algo que acabou postergando o ciclo de maneira geral. Até o final de abril, cerca de metade da área total estava colhida. Apesar do atraso na implantação da cultura, as lavouras se desenvolveram em boas condições, na sua maioria. Apenas áreas pontuais tiveram o desenvolvimento inicial prejudicado por falta de umidade adequada, principalmente no sudeste do estado. Agora na colheita tem-se observado alguma avaria na qualidade do grão por excesso de umidade.



Foto 6 - Feijão-caupi -1ª safra - Tanque do Piauí-PI

Fonte: Conab.

Bahia: as boas condições climáticas, principalmente pluviométricas, nas últimas semanas foram importantes para aquelas lavouras mais tardias, que acabaram incrementando o seu potencial produtivo e aumentaram a estimativa do rendimento médio da cultura nessa primeira safra.

Muitas das lavouras, que são cultivadas em manejo consorciado com outras culturas, beneficiaram-se dessas chuvas mais frequentes entre março e abril e isso trouxe melhores perspectivas para a produção total da cultura. A previsão é que a colheita seja concluída até meados de maio, e que o resultado final seja superior aquele alcançado no exercício passado, incluindo aqui leve incremento sobre a área plantada em comparação ao ano passado e ao levantamento anterior – esse último por ajuste nas estimativas.

Maranhão: segue a colheita no estado. As áreas mais ao sul já foram todas colhidas e as demais regiões vão avançando nas operações, com previsão de conclusão ainda em maio.

De maneira geral, a primeira safra de feijão-caupi é cultivada, principalmente, pela agricultura familiar, em sistemas que utilizam baixa tecnologia, até mesmo em manejo de consórcio com outras culturas como arroz, milho e mandioca, algo que resulta, frequentemente, em baixos rendimentos. Normalmente, os pequenos produtores utilizam sementes de feijão-caupi doadas pelo governo do estado. No entanto, para a presente safra, não houve distribuição de sementes pelo governo estadual, causando redução das áreas de plantio.

Mesmo com alguma oscilação climática, ao longo do ciclo, as condições gerais para a cultura foram consideradas favoráveis, especialmente para as lavouras mais tardias. O fim de ciclo mais benéfico em termos edafoclimáticos trouxe perspectiva de aumento no potencial produtivo, devendo fechar com produtividade média ligeiramente superior a 2022/23.

Minas Gerais: a colheita está finalizada no estado, confirmando as últimas estimativas de uma produção menor que na temporada passada, especialmente pelos problemas climáticos registrados no início do ciclo, que alterou o calendário usual de plantio, contribuir para uma menor destinação de área plantada em relação ao exercício anterior e também diminuir o rendimento médio em comparação ao mesmo período, embora a variação não tenha sido tão grande quanto nos outros grupos de feijão em virtude da maior rusticidade e tolerância do feijão-caupi ao estresse hídrico.

Tocantins: colheita finalizada. As áreas em sequeiro tiveram atraso nas operações em relação ao calendário usual da sega no estado. Essas lavouras foram impactadas pela oscilação climática registrada ao longo do ciclo, reduzindo assim parte do potencial produtivo em comparação com o alcançado na temporada anterior. Já as áreas irrigadas apresentaram melhores produtividades e ajudaram a elevar a média obtida.

Pernambuco: colheita finalizada, confirmando as estimativas de redução na produtividade média e na área plantada em relação à temporada passada. Adversidades climáticas, veranicos prolongados, principalmente no início do ciclo, aumento no custo de produção do feijão e a substituição de áreas por cultivo de mandioca foram algumas das causas que justificam essas variações nas estimativas.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2023/24									
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	
PA	Nordeste Paraense	0,79						PS	S/E/DV	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
	Norte Piauiense	0,72				S/E/DV	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
PI	Centro-Norte Piauiense	0,82				S/E/DV	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sudoeste Piauiense	3,23				S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG	M/C	C	
	Sudeste Piauiense	2,43				S/E/DV	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
BA	Extremo Oeste Baiano	8,68			S/E/DV	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia	0,76			S/E	S/E/DV	E/DV/F	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Centro Sul Baiano	2,03			S/E	S/E/DV	E/DV/F	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
GO	Leste Goiano	5,43		S/E	S/DV/F	F/EG	F/EG	EG/M/C	C			
	Sul Goiano	4,64		S/E	DV/F	EG/M	EG/M	EG/M/C				
	Norte Goiano	2,28		S/E	E/DV	F/EG	F/EG	F/EG/M	M/C			
DF	Distrito Federal	2,78		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG	EG/M/C	C		
	Noroeste de Minas	7,23			S/E/DV	F/EG	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Norte de Minas	1,36			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	M/C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,24		S/E	S/E/DV	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
MG	Metropolitana de Belo Horizonte	0,70		S/E	S/E/DV	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Oeste de Minas	0,84		S/E	E/DV/F	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul/Sudoeste de Minas	2,64		S/E	E/DV/F	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Campo das Vertentes	2,38		S/E	E/DV/F	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Zona da Mata	1,22		S/E	E/DV/F	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
SP	Assis	0,89		S/E	E/DV	F/EG/M	M/C	M/C				
	Itapetininga	1,29	S/E	E/DV	F/EG/M	EG/M/C	C	C				
	Macro Metropolitana Paulista	1,01		S/E	E/DV	F/EG/M	M/C	M/C				
	Norte Pioneiro Paranaense	1,26	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C	C				
PR	Centro Oriental Paranaense	4,09	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C			
	Oeste Paranaense	0,91	S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C	C				
	Sudoeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C			
	Centro-Sul Paranaense	2,11	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C			
	Sudeste Paranaense	9,69	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M	M/C			
SC	Metropolitana de Curitiba	5,02	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M	M/C			
	Oeste Catarinense	2,04	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
	Norte Catarinense	1,67	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Serrana	1,97	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	0,77	S/E	S/E/DV	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	C				
	Nordeste Rio-grandense	2,60			S/E	S/E/DV	E/DV	E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (*) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2023/24

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.532,7	793	1.216,0
2018/19	1.418,6	917	1.300,4
2019/20	1.423,0	875	1.244,7
2020/21	1.446,4	787	1.137,8
2021/22	1.419,1	945	1.341,1
2022/23	1.326,2	962	1.275,8
2023/24	abr./24	1.457,3	1.510,8
	mai./24	1.467,4	1.597,9

Fonte: Conab.

FEIJÃO-COMUM CORES

Paraná: a semeadura foi concluída, e houve confirmação da expectativa inicial de redução na área plantada em comparação à temporada passada, porém uma variação menor que aquela que tinha se estimado no levantamento anterior, principalmente por conta da perda de espaço que o feijão-comum cores teve em relação ao cultivo de feijão-comum preto, que tem maior valorização de mercado, além de maior resistência às condições adversas de campo e de armazenamento mais prolongado.

As chuvas foram oscilantes entre as principais regiões produtoras nas últimas semanas, mas é perceptível que as condições climáticas gerais estão melhores que no início do ciclo, beneficiando as lavouras mais tardias e devendo elevar a média produtiva da cultura em comparação à temporada anterior.

As primeiras lavouras já estão sendo colhidas, e a tendência é de maior evolução das operações a partir de maio.

Minas Gerais: houve boa atratividade para a cultura em virtude dos bons preços pagos pelo produto e o estrangulamento da janela ideal de plantio para outros cultivos concorrentes, propiciando assim um leve incremento de área plantada em relação ao ano passado.

O plantio já foi concluído no estado, e as condições gerais das lavouras são consideradas boas, com a umidade do solo sendo favorável ao desenvolvimento da cultura. A pressão de mosca-branca também diminuiu em relação aos últimos meses.

Santa Catarina: as lavouras já estão todas implantadas e seguem em bom desenvolvimento, com áreas desde os estádios vegetativos até lavouras em maturação e própria colheita.

A qualidade da cultura e dos grãos obtidos até então é considerada boa, resultado de condições climáticas favoráveis ao cultivo, especialmente para as áreas mais tardias.

Bahia: as lavouras de sequeiro se encontram todas implantadas, variando seus estádios fenológicos entre o desenvolvimento vegetativo e o enchimento de grãos. De maneira geral, há boa evolução da cultura, mesmo com o atraso nas operações de plantio, que veio em sucessão da colheita da soja, que também foi retardada em relação ao cronograma usual.

Já as áreas irrigadas têm o plantio previsto para maio.

Goiás: colheita finalizada na pequena área destinada à cultura nessa segunda safra (muitas das áreas antes cultivadas migraram para o cultivo na terceira safra). As chuvas foram irregulares ao longo do ciclo e isso reduziu parte do potencial produtivo da cultura.

Mato Grosso: a pluviosidade bem distribuída e constante beneficiou a evolução da cultura, inclusive incrementando as estimativas sobre o potencial produtivo.

Para a área plantada também houve incremento em comparação à temporada anterior, principalmente pelos melhores preços pagos pelo feijão em relação à do ano anterior e também em comparação à rentabilidade atual de outros cultivos nessa segunda safra, como milho e sorgo.

De modo geral, o clima tem sido favorável à cultura, embora, em algumas semanas, o excesso de chuvas impediu o manejo fitossanitário adequado, gerando, pontualmente, maior incidência de pragas e doenças em algumas áreas.

As primeiras operações de colheita foram realizadas nos últimos dias de abril, porém a atividade vai ganhar maior avanço ao longo de maio.

Rondônia: as chuvas em grandes volumes à época da semeadura foram preponderantes para a redução na destinação de área para plantio em comparação com o exercício passado. Houve alta saturação de água nos solos, especialmente naqueles locais onde a drenagem não era tão eficiente.

A partir do período de conclusão do plantio, o clima se tornou mais favorável à cultura, e o desenvolvimento das lavouras, até o momento, tem sido bastante satisfatório, embora a estimativa do potencial produtivo esteja um pouco menor que no levantamento passado por conta desse início de ciclo.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: com a conclusão do plantio, confirmou-se a perspectiva prévia de grande incremento na área total semeada, quando comparada a 2022/23, principalmente por uma maior destinação ao plantio do feijão-comum preto em detrimento do feijão-comum cores (preço mais atrativo, maior resistência das cultivares de feijão-comum preto a estresses climáticos e a um armazenamento mais prolongado dos grãos, mantendo suas características organolépticas por mais tempo – exemplo: menor tempo de cozimento, menor perda de coloração com o tempo etc.), além da tendência de um plantio maior na segunda safra em comparação à semeadura de primeira safra, para minimizar a competição de áreas com cultivo de soja, por exemplo, e também por aproveitar de melhores condições climáticas, quando cultivado dentro do calendário ideal de semeadura.

Este plantio mais cedo resulta em condições mais favoráveis para a cultura, que é mais sensível às condições climáticas mais frias, e principalmente da redução da possibilidade de ocorrência de geadas do meio para o final do ciclo, já que no outono as temperaturas reduzem significativamente.

Atualmente, a maioria das lavouras apresenta boas condições de desenvolvimento e estão em estádios fenológicos majoritariamente reprodutivos, inclusive com as primeiras áreas sendo colhidas.

Santa Catarina: as chuvas registradas no último mês auxiliaram na manutenção do teor de umidade nos solos nas principais regiões produtoras. Esse fator, combinado aos dias ensolarados e às temperaturas médias ainda altas, propiciaram o crescimento em altura e a formação de plantas vigorosas.

As lavouras estão bem estabelecidas e com bom desenvolvimento. No entanto, em razão dessa maior umidade, os cuidados estão sendo direcionados para

a incidência de doenças fúngicas, como antracnose, que se favorece das condições de tempo úmido e das temperaturas amenas ou elevadas. Foi necessário realizar controle preventivo na maioria das áreas para evitar perdas produtivas e manter a qualidade dos grãos. Há preocupação que esse cenário mais úmido e com temperaturas menores se perdurem e reduza parte do potencial produtivo, especialmente com o aumento de doenças sobre a cultura.

Rio Grande do Sul: iniciou a colheita da cultura no estado, porém as chuvas, principalmente do final de abril, inviabilizaram qualquer avanço das operações desde então.

De maneira geral, a cultura teve seu estabelecimento prejudicado pela estiagem do final de janeiro e início de fevereiro. Porém, os eventos de chuva e boa radiação solar registrados no final de fevereiro e março foram fundamentais para propiciar um bom desenvolvimento das lavouras.

Já em abril, as condições meteorológicas foram oscilantes, justamente em um período que a maioria das lavouras ingressava nas fases críticas do ciclo, como florescimento e enchimento de grãos. Os períodos de chuvas intensas e os dias mais nublados propiciaram um cenário desfavorável à cultura e mais favorável ao estabelecimento de algumas doenças, em especial a antracnose, exigindo maior monitoramento e controle por parte dos produtores durante o mês. Embora a entrada das máquinas nas lavouras para realização dos tratamentos fosse difícil, agricultores buscaram realizar o controle.

A partir do final de abril, as fortes chuvas trouxeram maiores incertezas sobre a produção final da cultura. As áreas mais afetadas devem apresentar perdas significativas, embora ainda não se possa quantificar.

FEIJÃO-CAUPI

Ceará: as chuvas nesse primeiro trimestre foram bem oscilantes no estado. Em janeiro o cenário foi de baixas precipitações. Já a partir de fevereiro, a situação se inverteu, e apresentou chuvas em excesso. Assim, a implantação das lavouras em algumas regiões acabou sofrendo complicações por essas condições extremas, trazendo, por consequência, redução na área plantada em comparação à temporada passada, por inviabilidade de semeadura em algumas localidades.

Atualmente, o clima se coloca mais homogêneo e mais favorável ao desenvolvimento da cultura, gerando boa perspectiva para o rendimento dos grãos, devendo ter uma média bem superior àquela alcançada na safra 2022/23.

Mato Grosso: as chuvas no último mês foram suficientes para manter a evolução satisfatória das lavouras. A cultura tem apresentado bom vigor nas diferentes fases de desenvolvimento. A leguminosa possui intolerância ao excesso de precipitações, motivo que chegou a preocupar os produtores, considerando que muitas regiões receberam um volume considerável de chuvas em março e abril. Todavia, a condição não chegou a provocar problemas na evolução da cultura, de forma geral.

Goiás: a semeadura foi concluída, e assim se confirmou a expectativa de redução na área plantada em comparação à temporada passada em razão do atraso no calendário de colheita da soja que antecedeu a semeadura desse feijão. Isso trouxe um estrangulamento na janela de plantio para a cultura e muitas incertezas do ponto de vista das condições climáticas ao longo do ciclo.

Até o momento, as lavouras vêm apresentando bom desenvolvimento, embora as chuvas estejam irregulares. A maior parte da cultura está em fase de enchimento dos grãos.

Bahia: o prolongamento do período chuvoso no estado tem sido bastante favorável à cultura. Isso permitiu não só uma condição benéfica para a implantação e o desenvolvimento geral das lavouras, como também a expansão da área cultivada, em comparação à temporada passada, já que a janela de plantio se tornou maior. Também há expectativa de incremento de área sobre lavouras irrigadas, substituindo cultivos como o do milho sob irrigação.

Pernambuco: o início do período chuvoso no Sertão pernambucano se atrasou em relação ao ano passado, contudo, ocorreram bons volumes e boa distribuição pluviométrica desde fevereiro. Isso possibilitou o estabelecimento das lavouras e um desenvolvimento adequado, até o momento (se prevê incremento no rendimento médio em comparação com a temporada passada). A única ressalva é com os períodos de altas temperaturas, algo que incrementa a evapotranspiração da cultura e ainda favorece a maior incidência de ataques de lagartas, principalmente na microrregião de Afogados da Ingazeira.

As lavouras variam de estádios fenológicos entre as variadas regiões produtoras do estado. Em algumas áreas, inclusive, já se iniciou a colheita.

Há também uma variação climática entre esses principais polos produtores. Algumas microrregiões, por exemplo, registraram chuvas em excesso, lixiviação de nutrientes e infestações de ervas daninhas, ocasionadas por essa alta umidade, causando saturações no solo e dificultando a execução dos tratos culturais.

Tocantins: o cultivo é feito tanto em sequeiro quanto irrigado, visto que as áreas de terras altas sofreram redução no plantio em comparação à temporada passada, principalmente por substituição com o cultivo de gergelim.

Maranhão: a maior destinação de área para o feijão-caupi no estado é



Foto 7 - Feijão-caupi - 2ª safra - Dueré-TO

Fonte: Conab.

realizada na segunda safra, aproveitando o final do período chuvoso nas regiões produtoras. O cultivo é caracterizado pela presença de grandes e médias unidades produtivas, com maior uso de tecnologia, já que muitos dos produtores realizam a implantação das lavouras em sucessão à soja, principalmente na região sul maranhense. Há também a participação de pequenos agricultores, contudo esses dependem, majoritariamente, da política pública de distribuição de sementes para o plantio, algo que nesse ciclo ainda não ocorreu.

No geral, as lavouras já implantadas vêm apresentando bom desenvolvimento, com perspectiva de melhoria sobre o potencial produtivo.

Paraíba: o início de ciclo foi adverso, com oscilações climáticas, principalmente

no quesito pluviométrico, e também com registros pontuais de ataques acentuados de lagartas em lavouras que à época estavam em emergência, dificultando o desenvolvimento inicial da cultura e até necessitando de replantio em alguns casos, principalmente no Alto Sertão.

Ao longo do ciclo, as condições fitossanitárias e edafoclimáticas melhoraram, permitindo à cultura uma maior evolução.

Atualmente, a maioria das lavouras se encontra entre os estádios de desenvolvimento vegetativo e floração, tendo boas perspectiva sobre o potencial produtivo.

Vale ressaltar que boa parte das áreas são manejadas em cultivo consorciado, principalmente com o milho.

Piauí: houve redução de área plantada em comparação à temporada passada, principalmente por conta de períodos de escassez hídrica no início do ciclo, dificultando a implantação das lavouras em algumas áreas.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica									
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2023/24						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
TO	Ocidental do Tocantins	3,05			S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C
	Oriental do Tocantins	0,53			S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C
MA	Sul Maranhense	0,75			S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M	M/C

Continua

Legenda - Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2023/24						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
CE	Noroeste Cearense	2,10		S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	
	Norte Cearense	1,29		S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	
	Sertões Cearenses	2,66		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Jaguaribe	0,81		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Sul Cearense	1,00		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
RN	Oeste Potiguar	0,70		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Sertão Paraibano	0,85		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
PB	Agreste Paraibano	0,97		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Sertão Pernambucano	1,57		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
PE	Agreste Pernambucano	0,72		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Norte Mato-grossense	7,04		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
MT	Nordeste Mato-grossense	0,73		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Sudeste Mato-grossense	1,31		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,87			S/E	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C
GO	Leste Goiano	1,18		S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M	M/C	
	Sul Goiano	1,85		S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M	M/C	
MG	Norte de Minas	0,83		S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,02		S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Central Mineira	0,53		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Oeste de Minas	1,35		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Sul/Sudoeste de Minas	2,23		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Campo das Vertentes	2,27		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Zona da Mata	0,79		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
SP	Bauru	0,68		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	
	Assis	0,56		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	
	Itapetininga	2,04		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	0,58	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Norte Pioneiro Paranaense	0,55	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro Oriental Paranaense	7,34	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Oeste Paranaense	1,45	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudoeste Paranaense	13,91	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro-Sul Paranaense	10,04	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	6,24	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
Metropolitana de Curitiba	1,37	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		
SC	Oeste Catarinense	3,48	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
RS	Noroeste Rio-grandense	3,15	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (*) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2023/24

TABELA 9 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA – 2023/24

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18		577,8	1.062	613,8
2018/19		581,0	1.253	728,0
2019/20		588,8	1.481	872,1
2020/21		567,8	1.373	779,6
2021/22		530,6	1.333	707,2
2022/23		516,0	1.559	804,4
2023/24	abr./24	550,2	1.456	801,1
	mai./24	548,0	1.457	798,7

Fonte: Conab.

FEIJÃO-COMUM CORES

Bahia: as precipitações registradas em abril no nordeste do estado, onde se concentra o cultivo de feijão na terceira safra, foram bem favoráveis ao início das operações de plantio. A evolução ainda é incipiente, com poucas lavouras implantadas, até o momento. Porém, com a manutenção das chuvas, a tendência é de bom avanço da semeadura no próximo mês.

Pernambuco: o cultivo é concentrado na região do Agreste, tradicionalmente em condições climáticas mais favoráveis em comparação ao Sertão pernambucano, outra grande região produtora de grãos no estado. Para esse ciclo ainda não se iniciou a semeadura.

Minas Gerais: no noroeste do estado, os produtores avançam o plantio de feijão irrigado à medida que as áreas de pivôs com milho e soja vão sendo liberadas. Os produtores postergaram o plantio um pouco por conta da pressão de mosca-branca, que assolou as lavouras de feijão primeira safra e as áreas tardias de soja.

Apesar da diminuição das chuvas na região no último mês, as barragens continuam com bom armazenamento de água, sem indícios de que haverá problemas de abastecimento para o desenvolvimento das lavouras.

Goiás: a semeadura ainda está incipiente por conta das condições climáticas que não são tão favoráveis à cultura, com temperaturas elevadas e chuvas irregulares. Contudo, a expectativa é de redução nas temperaturas médias para haver menor pressão de ataque de mosca-branca. As principais regiões produtoras nesse período estão no leste, oeste e sul do estado.

As áreas já semeadas estão em fase de germinação e início de desenvolvimento vegetativo, com condições gerais consideradas adequadas para o presente momento do ciclo.

Alagoas: a semeadura ainda não foi iniciada.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Pernambuco: o cultivo é concentrado na região do Agreste, tradicionalmente em condições climáticas mais favoráveis em comparação ao Sertão pernambucano, outra grande região produtora de grãos no estado. Para esse ciclo ainda não se iniciou a semeadura.

Paraíba: o cultivo se concentra principalmente nas regiões da Zona da Mata, com semeadura mais tardias em relação aos demais locais de produção, no Sertão e no Vale do Piancó.

Nesta safra, as lavouras já implantadas se encontram em condições que variam de boa à regular, já que o clima tem oscilado durante o ciclo.

FEIJÃO-CAUPI

Pernambuco: o plantio ainda não foi iniciado, estando em fase de preparo da sementeira.

Bahia: o cultivo de terceira safra se concentra, principalmente, na região nordeste do estado, tendo como característica a participação de pequenos e médios produtores, que empregam um nível tecnológico considerado intermediário no manejo geral, e realizam prioritariamente o plantio do tipo convencional.

Atualmente, o ciclo está em fase inicial, com as primeiras lavouras sendo implantadas após um mês de abril com registros de boas chuvas na região.

Alagoas: tal cultivo se concentra na região centro-leste do estado (costumando ocupar áreas de renovação de cana-de-açúcar) e também em áreas do Sertão alagoano.

Em uma das regiões produtoras o plantio já se iniciou, e as lavouras seguem em pleno desenvolvimento. Nas áreas situadas no Sertão, o cultivo ainda está dependendo de chuvas mais regulares para melhor preparo do solo à sementeira.



Foto 8 - Feijão-caupi - 3ª safra - Jequiá da Praia-AL

Fonte: Conab.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica								
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão terceira safra - Safra 2023/24					
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PE	Agreste Pernambucano	2,82	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C
BA	Nordeste Baiano	3,23	S/E	E/DV	E/DV/F	DV/F	F/EG/M	M/C
MT**	Norte Mato-grossense	17,47		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C
	Sudeste Mato-grossense	1,44		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C
GO**	Noroeste Goiano	5,80	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Norte Goiano	1,76	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Leste Goiano	9,83	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sul Goiano	7,92	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
DF**	Distrito Federal	1,54	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
MG**	Noroeste de Minas	17,37	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,32	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Ribeirão Preto	1,77	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
SP**	Bauru	6,08	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Campinas	1,10	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Itapetininga	9,94	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) Total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

O mercado vem operando praticamente com preços estáveis para os melhores tipos, e desvalorizados para os lotes mais escuros com cor abaixo de nota 8, o que mostra que a oferta, nos atuais patamares de preços, continua sobrepondo as necessidades da demanda. A oferta do produto extra continua escassa em virtude das perdas ocorridas pelas condições climáticas adversas na primeira safra.

Apesar da preferência da demanda pelo produto extra ou similar, muitos compradores, sem alternativas devido à cotação elevada do produto em questão, acabam optando por tipos inferiores, em vista das dificuldades encontradas no giro das mercadorias de maior valor.

A oferta continua bem acima do interesse de compra, quando o mercado se encontra ofertado e, conseqüentemente, com os preços fragilizados, as indústrias passam a operar praticamente sem estoques, adquirindo, apenas, o suficiente para honrar os seus compromissos.

A disponibilidade do produto mantém-se firme, favorecida pelas ofertas oriundas da “safrinha” no Sul do país, onde as lavouras se encontram em fase de colheita e deverá se intensificar em maio. Ainda, para os próximos dias, o mercado passará a contar com a produção proveniente dos estados das Regiões Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste.

O mercado está na expectativa da oferta proveniente da segunda safra, cuja colheita já começou e se concentra em maio. A estimativa é de uma produção semelhante à da safra de 2023. No Paraná, disparado o principal estado produtor, o clima frio e seco está permitindo o avanço da colheita, que atinge cerca de 40% da área cultivada, e as lavouras atravessam, em grande parte, as fases de frutificação e maturação. Estima-se que 93% da produção da primeira safra e 50% da segunda safra foram comercializadas pelos produtores.

A tendência, no momento, é de preços mais em conta com a intensificação da colheita, pois os empacotadores estão adquirindo apenas o necessário para honrar os seus compromissos, haja vista as dificuldades encontradas no repasse de preços ao setor varejista, e este aos consumidores. No entanto, não é de se esperar quedas tão bruscas de preços devido ao apertado quadro de oferta.

Os produtores irrigantes, que se preparam para o plantio da safra de inverno (terceira safra), e acompanham atentamente o comportamento do mercado. Se prevalecer esta tendência, muitos poderão migrar para o plantio de outras culturas, o que poderá comprometer ainda mais o quadro de oferta.

FEIJÃO-COMUM PRETO

O mercado continua fraco, com poucos negócios, e apresentando significativas quedas de preços para o produtor em virtude do aumento da oferta e das condições climáticas favoráveis durante o ciclo vegetativo das lavouras do Paraná e Santa Catarina.

Já no Rio Grande do Sul, a colheita segue lenta, ocasionada pelo excesso de chuva. Lá, é bem provável que haja riscos de perda de lavouras provocados por enchentes e a correnteza dos rios, verificadas a partir do final de abril. Estima-se que apenas 20% da área foi colhida, mas mesmo que ocorra impacto na produção, a superfície cultivada naquele estado representa pouco mais de 5% da produção nacional de feijão-preto.

No Sul do país o “pico” da colheita ocorre em maio, onde se espera um volume de produção superior em 257,2 mil toneladas à colheita de 2023. Como consequência, e com a entrada da oferta da safra Argentina, os preços que já se encontram em queda tendem a ficar ainda mais pressionados. Por se tratar de um mercado restrito, qualquer excedente de oferta gera dificuldades para colocação alternativa do produto, o que, por sua vez, exerce forte pressão baixista nos preços.

Para a temporada em curso, prevê-se o seguinte: computando as três safras, o trabalho de campo, realizado por técnicos da Conab em abril, chega em um volume médio de produção estimado em 3,3 milhões de toneladas, 9,5%

acima da anterior.

Em se tratando da balança comercial, de janeiro a dezembro de 2023, foram importadas 69 mil toneladas, isto é, 7,1 mil toneladas a menos que os números registrados no mesmo período de 2022. Já as exportações atingiram, no mesmo período, 139 mil toneladas, 2,9 mil toneladas acima das 136,1 mil toneladas registradas no ano anterior. Mato Grosso é o maior exportador de feijão, com 55% dos embarques realizados. A Índia comprou 41%, Egito, 11%, e Vietnã, 10%.

Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 325 mil toneladas, o consumo em 2.850 milhões de toneladas, as importações em 50 mil toneladas e as exportações de 150 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 700,7 mil toneladas, volume que deverá contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento interno.

TABELA 10 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2017/18	322,8	3.116,1	81,1	3.520,0	3.050,0	162,7	307,3	
2018/19	307,3	3.017,7	150,8	3.475,8	3.050,0	166,1	259,7	
2019/20	259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7	
2020/21	268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.893,8	223,7	128,1	
2021/22	128,1	2.990,2	76,1	3.194,4	2.850,0	136,1	208,3	
2022/23	208,3	3.036,7	69,0	3.314,0	2.850,0	139,0	325,0	
2023/24	abr/24	325,0	3.213,5	100,0	3.638,5	2.850,0	150,0	638,5
	mai/24	325,0	3.325,7	50,0	3.700,7	2.850,0	150,0	700,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2024.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

20.618,3 mil ha

-7,4%

PRODUTIVIDADE

5.414 kg/ha

-8,6%

PRODUÇÃO

111.635,8 mil t

-15,4%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 11 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	5.082,1	5.275	26.810,7
2018/19	4.103,9	6.249	25.646,7
2019/20	4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21	4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22	4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23	4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24	abr./24	3.973,3	23.356,2
	mai./24	3.995,4	23.490,0

Fonte: Conab.

A colheita já alcança 68,1% da área destinada ao cereal, com os estados do Sul do país perto de sua finalização, São Paulo finalizada, enquanto Maranhão, Piauí e Goiás ainda estão no início dos trabalhos.

Na maioria dos estados produtores, as produtividades alcançadas ou previstas são inferiores às obtidas no último ciclo, influenciadas por condições climáticas adversas ocorridas durante esta safra. As exceções ficaram por

conta do Pará e Piauí, com produtividade semelhante à última safra, e o Rio Grande do Sul, pois apesar das produtividades estarem aquém das esperadas pelos produtores, deverá atingir 6.297 kg/ha, 40,3% superior ao obtido na última safra.

Para a safra 2023/24, a área cultivada está estimada em 3.995,4 mil hectares, 10,1% inferior ao registrado na safra passada. A produção esperada é de 23.490 mil toneladas, 14,2% inferior ao obtido no último ciclo de cultivo.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a área cultivada na safra 2023/24 foi de 814,6 mil hectares, com uma área irrigada da cultura de 122,1 mil hectares, ou 15%. Assim como a semeadura, a colheita da cultura também ocorre de forma escalonada. Em abril a operação evoluiu ainda mais lentamente em razão da necessidade dos produtores em realizar a colheita da soja, deixando a colheita do cereal para após a conclusão da colheita da oleaginosa. Além dessa escolha, as condições climáticas de abril, com precipitações frequentes, também inviabilizaram um avanço mais expressivo da colheita. No Planalto Superior, uma das regiões mais importantes na produção de milho no estado, com 11% da área cultivada e onde geralmente se observam as maiores produtividades, vem relatando perdas de produtividade não esperadas, mas a colheita ainda não foi concluída na região. Nas demais áreas não colhidas, todas consideradas como safrinha e com expectativa de produtividade inferior, os vários dias de chuva, a baixa nebulosidade e as temperaturas mais amenas diminuem o metabolismo das plantas e poderão ocorrer produtividades menores. Atualmente, além dos 83% das áreas colhidas, as áreas que permanecem no campo se dividem em 13% em maturação e 4% em enchimento de grão

Paraná: a redução de produtividade de 13,8% em relação à safra passada deve-se, principalmente, às temperaturas muito elevadas em regiões de produção, aliadas a períodos de deficit hídrico, excesso de chuva durante as fases iniciais da cultura, com a lixiviação de fertilizantes, bem como, dificultando as aplicações de fertilizantes em cobertura, ataque da cigarrinha *Dalbulus maidis*, que provocou complexos de enfezamento, a ocorrência de doenças, como: *Fusarium moniliforme* e bacterioses, sendo verificado também ataques de percevejo neste final de ciclo.

Houve redução na área em relação à safra passada, de 22,8%, devido aos custos de produção e à redução do preço do grão nos últimos tempos, o que resultou em migração para a cultura da soja. A cultura já tem 98% da sua área colhida, com o restante dela em maturação.

Santa Catarina: na região serrana a colheita está concluída. O produto é de boa qualidade, porém apresentou baixo peso devido às condições climáticas do início da safra, com excesso de chuvas, atrasando o plantio e dificultando os tratos culturais, ocasionando perda de nutrientes, além da ocorrência de muitos dias nublados, que reduziram a fotossíntese e, conseqüentemente, o potencial produtivo.

No meio Oeste a colheita se encaminha para sua fase final. As condições climáticas do início da safra foram desfavoráveis, entretanto a safra ainda pode ser considerada satisfatória, pois houve recuperação ao longo do ciclo. As lavouras mais tardias têm potencial maior devido às condições serem mais positivas ao longo do desenvolvimento, com chuvas mais regulares e temperaturas adequadas. Em que pese a variações de produtividade entre os diversos municípios produtores, a média estadual para a safra é de 7.900 Kg/ha.

Minas Gerais: o plantio dessa safra foi escalonado no estado devido ao atraso da regularização das chuvas nas regiões produtoras, principalmente no Noroeste, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Com isso, há cenários distintos que impactaram as produtividades. As primeiras áreas semeadas sofreram com a estiagem e temperaturas elevadas logo no início do ciclo, o que acarretou perdas irreversíveis no potencial produtivo, como, por exemplo, crescimento desuniforme das lavouras, porte baixo e espigas frágeis. Já as demais áreas semeadas e/ou replantadas entre novembro e dezembro de 2023, foram beneficiadas com melhores condições de umidade no solo e apresentam um potencial maior, quando comparadas ao primeiro período de plantio.

Com a proximidade da finalização da colheita da soja, a colheita do milho avançou no estado e já alcança 67% da área total cultivada. A colheita se apresenta atrasada em relação à média para o período, e o principal fator para isso é o alongamento do período de plantio imposto pelo regime de chuvas. As chuvas do final de março prejudicaram a operação de colheita, tendo alguns produtores optado pela utilização de secagem em secadores de grãos, enquanto outros ainda aguardam a redução da umidade dos grãos na lavoura, evitando o custo de secagem. Assim, estimamos uma produtividade de 5.657 kg/ha para o estado, uma redução de 14,2% em relação à safra anterior.

São Paulo: a falta de chuva durante o período vegetativo e as altas temperaturas foram altamente prejudiciais para o milho que foi plantado durante setembro e na primeira quinzena de outubro. Este cereal semeado antecipadamente sofreu longo período de estresse hídrico, além da presença intensa da cigarrinha, o que impactou negativamente no potencial produtivo, resultando em nova redução na produtividade estimada.

Goiás: a maioria das lavouras de milho verão está em fase de maturação, porém a umidade dos grãos ainda não é ideal para a colheita, no momento. Poucas áreas foram colhidas, apresentando rendimentos acima de 9.000 kg/ha.

Na região leste, as áreas de milho estão todas em ponto de colheita. A colheita foi iniciada de forma pontual, não devendo ultrapassar o índice de 10% até final de abril. As lavouras se desenvolveram em boa condição fitossanitária e devem atingir um bom rendimento, com uma média de produtividade de 9.800 kg/ha. Foi observado a pressão de cigarrinha em algumas lavouras, porém o controle foi eficiente e não deve influenciar na redução de produtividade.

No sudoeste do estado, as lavouras também se encontram na fase de maturação. São áreas pontuais, pois nesta safra ocorreu forte redução de área cultivada. Na região norte, as lavouras estão em fase final de ciclo, com plantios esparsos e sem a incidência de pragas e doenças com danos econômicos registrados.

Mato Grosso do Sul: no período avaliativo, as lavouras se encontravam em maturação e início de colheita, portanto o comportamento climático teve pouca relevância para o milho produzido em primeira safra. Com o avanço da colheita, está sendo possível verificar que os períodos de restrição hídrica e as ondas de calor afetaram consideravelmente a produtividade das lavouras que, apesar de apresentarem espigas de porte que indicavam bons rendimentos, tiveram o tamanho e o peso dos grãos reduzidos, gerando resultados produtivos sensivelmente menores que os esperados, com nova redução da produtividade neste levantamento.

Distrito Federal: as lavouras de primeira safra estão totalmente colhidas, e apresentaram grãos de boa qualidade. A área plantada no atual exercício

foi de 15,5 mil hectares, redução de 3,7% se comparada com a safra anterior, e a produtividade média obtida foi de 8.900 kg/ha.

Bahia: nos últimos 30 dias houve registro de chuvas em todas as regiões produtivas, com volumes em torno de 150 mm no extremo-oeste e 120 mm no centro-norte e sul. As condições climáticas ocorridas proporcionaram resultado superior ao esperado no início da safra. A colheita foi iniciada e deve se estender até o fim de maio.

O cultivo de sequeiro se apresenta com qualidade regular, mas inferior à safra anterior. O plantio fora da janela ideal, o atraso da chuva e as pragas limitaram o desenvolvimento das lavouras, no entanto, o prolongamento da estação chuvosa favorece as lavouras semeadas tardiamente e que se encontram em fases de enchimento de grãos.

Piauí: nesta safra, a semeadura iniciou com atraso em relação à safra anterior e confirmando as estimativas iniciais de redução de área. Embora tenha se verificado o atraso na semeadura, sobretudo na região norte do estado, e deficit hídrico em algumas áreas no estabelecimento da cultura, as lavouras se desenvolveram em boas condições, na sua maioria, encontrando-se majoritariamente em maturação, e a colheita já foi iniciada em algumas áreas do Cerrado. Pelas condições das lavouras, a cultura deve apresentar produtividade similar à alcançada na safra anterior.

Maranhão: a primeira safra teve o plantio realizado entre novembro de 2023 e fevereiro de 2024. As lavouras encontram-se nos estágios fenológicos de floração, enchimento de grãos, maturação e colheita, em boas condições gerais. A colheita foi iniciada no final de abril na região sul do estado, em cerca de 4% da área total plantada.

Na região sul, a semeadura ocorreu entre novembro de 2023 e janeiro de 2024, o atraso do início do regime de chuvas, tanto no final do ano anterior como no início do ano corrente, além da pouca valoração do produto, muitos produtores tradicionais desistiram do plantio de milho primeira safra, dando preferência a substituir estas áreas por áreas de soja. No entanto, as áreas cultivadas de milho primeira safra tiveram oferta abundante de chuvas durante seu desenvolvimento e devem apresentar boa produtividade, a ser confirmada durante a evolução da colheita, que já foi iniciada.

Nas regiões leste, oeste, centro e norte do estado, as lavouras foram semeadas entre dezembro de 2023 e fevereiro de 2024, e apresentaram redução de área, com desistência de plantio de parte da área em razão da falta de chuvas que ocorreu até o janeiro de 2024. A colheita deve ocorrer entre maio e agosto de 2024. Na região de Chapadinha e do Baixo Parnaíba maranhense, no leste do estado, assim como na região sul do estado, houve aumento significativo de ataque de lagartas do cartucho nas plantas de milho, inclusive em materiais resistentes a essa praga, o que aumentou o custo com a aplicação de inseticidas.

Para a safra 2023/24, a área de plantio da primeira safra foi de 281,1 mil hectares, com redução de 7,8% em comparação à safra anterior, em virtude da substituição de área de milho para plantio de soja, do clima desfavorável nos primeiros meses de plantio, pelos baixos preços praticados na presente safra.

Pará: o milho primeiro safra está com suas lavouras colhidas, e o resultado foi dentro das expectativas, pois foi um ano com problemas de falta de chuvas no início das janelas de cultivo e excesso no período de colheita.

O milho na primeira safra é considerado um produto de qualidade inferior à safrinha, pois é colhido no auge do período chuvoso. Quanto aos números

deste cultivo, temos uma área semeada de 172,8 mil hectares, área praticamente igual à da última safra.

Acre: no cultivo do milho de primeira safra, que representa a maior área no estado, ocorreram situações climáticas adversas devido ao fenômeno El Niño, prejudicando o estabelecimento inicial da cultura. Entretanto, a partir de dezembro as precipitações se regularizaram, favorecendo o plantio e o desenvolvimento da cultura. Devido ao alto volume de chuvas ocorridas em fevereiro, as operações de colheita foram adiadas. No entanto, em março e abril o volume de chuvas foi inferior aos meses anteriores, com menor volume e bem distribuídas durante o mês, possibilitando o início da colheita. As áreas de cultivo de milho da safra de verão encontram-se 100% colhidas, com produtividade média de 2.814 kg/ha.

Rondônia: as chuvas regulares e bem distribuídas proporcionaram um bom desenvolvimento das lavouras implantadas. Na região mais ao sul, as áreas implantadas puderam contar com precipitação desde o plantio, enquanto na região centro-norte essa regularidade veio tardia, mas, de certa forma, frequente e, com isso, a produção não vai experimentar perdas significativas.

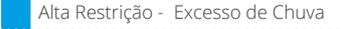
QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
		 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva
		 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva
			 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2023/2024											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense	1,28					S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C			
TO	Ocidental do Tocantins	0,87				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Oriental do Tocantins	0,84				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
MA	Oeste Maranhense	1,29					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Maranhense	0,49					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Maranhense	0,49					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Maranhense	3,68				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		

Continua

Legenda - Condição hídrica

	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2023/2024											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PI	Sudoeste Piauiense	7,57				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	5,89				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense	0,91				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
GO	Centro Goiano	0,82					S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Leste Goiano	1,70				S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
DF	Sul Goiano	3,13				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Distrito Federal	0,48				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas	4,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Norte de Minas	0,74			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	8,02			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Oeste de Minas	1,72			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas	4,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	Campo das Vertentes	2,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	Zona da Mata	0,60			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	São José do Rio Preto	0,82			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
SP	Ribeirão Preto	0,79			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Bauru	1,17			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Campinas	1,77			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Itapetininga	2,14			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista	0,79			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
PR	Norte Pioneiro Paranaense	0,58		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense	2,62		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	0,66		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense	3,22		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense	1,74		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
SC	Metropolitana de Curitiba	2,03		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Catarinense	4,50		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana	1,53		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Vale do Itajaí	0,82		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
RS	Sul Catarinense	0,67		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Noroeste Rio-grandense	6,85	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense	1,63		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C		
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,46	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	M/C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	1,07		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	M/C	C		
RS	Metropolitana de Porto Alegre	0,73		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	0,81		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C		
	Sudeste Rio-grandense	0,83		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semearura; (S)=semearura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 12 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	12.878,0	5.682	73.177,7
2019/20	13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21	14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22	16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23	17.179,6	5.948	102.179,0
2023/24	abr./24	15.776,4	85.616,8
	mai./24	15.990,4	86.155,1

Fonte: Conab.

Com a maioria das áreas nos estádios reprodutivos, as atenções para a segunda safra de milho se voltam para as precipitações ocorridas e às previsões de chuvas.

Em Mato Grosso, a maioria das lavouras encontra-se em enchimento de grãos, com bom desenvolvimento e boa reserva hídrica no solo. Porém, em Mato Grosso do Sul, São Paulo, e parte do Paraná, a redução das precipitações em abril provocou sintomas de estresse hídrico em diversas áreas, comprometendo o seu potencial produtivo.

Nas demais regiões produtoras, as lavouras apresentam bom desenvolvimento, apesar do atraso na implantação do cereal.

Para a safra 2023/24, a área cultivada está estimada em 15.990,4 mil hectares, 7% inferior ao registrado na última safra. A produção esperada é de 86.155,1 mil toneladas, 15,8% inferior ao obtido no último ciclo de cultivo.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: o regime de chuvas ao longo de abril foi adequado à evolução vegetativa do milho, fato que reforça a expectativa de que o rendimento

dos milhares poderá superar as estimativas iniciais, porém ainda menor ao apresentado na temporada anterior. Quanto às principais pragas e doenças da cultura, seguem monitoradas e contidas dentro da normalidade. O estágio de enchimento de grãos predomina na maioria dos cultivos.

Paraná: a cultura tem redução da sua área cultivada em 2,2%, consequências da ocorrência de cigarrinha na safra passada, com consequente aumento do custo da cultura, o custo de produção e o preço atual reduzido, sendo os últimos dois provocadores de menor rentabilidade da produção, desestimulando o produtor. O plantio foi finalizado, e a estimativa de produtividade menor que da última temporada são resultados do clima mais seco e quente ocorridos desde o início da cultura, e que se estende até o presente momento, com regiões com baixa ou nenhuma ocorrência de chuva, como é o caso do extremo-oeste paranaense, Paranavaí, Umuarama e Toledo.

Como resultado das condições climáticas adversas, as plantas de milho passaram por estresse hídrico e em situações mais extremas, de queima das folhas baixas, polinização prejudicada pela falta de umidade, redução de porte e até morte. Durante o levantamento, a cultura tinha cerca de 30% da área cultivada em florescimento, fase extremamente exigente de umidade, o que poderá afetar ainda mais a produção das lavouras destas regiões sem chuvas.

Mato Grosso do Sul: o clima comportou-se diferentemente no período avaliativo, conforme a região de produção no estado. Em todo o centro-norte ocorreram precipitações em volumes e distribuição adequadas, porém foi constatado intervalo de aproximadamente 15 dias com elevada nebulosidade, que provocou atraso no desenvolvimento das plantas. Já o centro-sul e o oeste estadual foram caracterizados por pancadas de chuvas

que apresentaram alta variação em localização e volume, ocasionando deficit hídrico de até 30 dias em algumas lavouras, além de constantes eventos de temperaturas elevadas, com máximas superando os 35 °C.

Já o sudeste do estado foi o mais afetado, com talhões que passaram por 50 dias de seca, resultando em casos de perda total. Entre os dias 13 e 18 de abril ocorreu uma frente fria pelo estado, trazendo consigo chuvas gerais que encerraram o deficit hídrico e promoveram a recuperação de muitas lavouras, porém, atualmente, as previsões climáticas não apontam novas precipitações e indicam retorno de onda de calor, sugerindo a retomada das perdas produtivas nos próximos dias.

Assim, há uma grande variabilidade nas estimativas produtivas do milho pelo estado, em conformidade com o comportamento climático verificado, até o momento, nas diferentes regiões e com mais de 95% das lavouras ainda dependendo de chuvas para que não ocorram novos impactos negativos.

Goiás: no estado, em torno de 5% das lavouras estão na fase vegetativa, 20% em floração, 55% em enchimento de grãos e 20% em maturação. Considera-se que pelo menos 30% das lavouras ainda precisem de precipitações significativas para produzirem dentro do esperado.

Na região oeste, as áreas estão estimadas em 118,1 mil hectares, 25% menor que a última safra. Essa redução se deu pelo prolongamento do cultivo da soja, o que encurtou bastante a janela de plantio do milho segunda safra. Essas áreas que seriam cultivadas com a cultura tiveram substituição, pelo sorgo, e também por culturas secundárias, como o milheto, pastagem, pousio e em menor parte até mesmo o gergelim. As lavouras estão com bom desenvolvimento, sendo beneficiadas pelas chuvas ocorridas na primeira quinzena do mês e a umidade remanescente no solo, principalmente as

lavouras semeadas cedo, e que já estão em fase avançada de desenvolvimento reprodutivo.

O sudoeste do estado possui grande parte das lavouras entre floração e maturação. Considera-se que mais de 80% das lavouras estão salvas e o restante ainda depende de volumes significativos de chuvas para atender as demandas hídricas da fase reprodutiva. Os problemas com pragas e doenças apareceram na fase de enchimento de grãos e parte deles pode estar relacionada ao menor investimento em tecnologia de materiais, visando redução de custos.

No sul, em todos os municípios, a extensão de lavouras de milho é bastante considerável. Visualmente, as lavouras apresentam bom aspecto, embora ocorra forte pressão da cigarrinha em quase todas as áreas, o que tem levado os produtores a intensificar o combate fitossanitário. Foi possível visualizar muitas lavouras que foram semeadas no final de março e início de abril, pois muitos produtores, animados pelas chuvas abundantes de março, arriscaram a semeadura nesses meses.

Na região leste, a área de plantio sofreu redução de 9,5% com relação à safra anterior devido ao encurtamento da janela de plantio. As lavouras se encontram nos mais variados estádios de desenvolvimento, desde plantas em fase vegetativa até lavouras em enchimento de grãos. As lavouras plantadas dentro do calendário ideal, até o fim de fevereiro, devem apresentar um bom rendimento. Já as lavouras plantadas após essa data, há uma insegurança quanto ao rendimento, visto que as chuvas serão mais escassas daqui em diante. Algumas lavouras foram plantadas até o fim de março, estando no momento em desenvolvimento vegetativo, não devendo completar o ciclo devidamente, onde poderão ser utilizados somente como cobertura de solo.

Distrito Federal: as lavouras de segunda safra encontram-se predominantemente no estágio de maturação, apresentando excelente sanidade. A área semeada foi reduzida em 12,5%, comparando-se com a safra anterior, motivado principalmente pelo atraso no plantio da primeira safra, o que ocasionou a redução da janela ideal de plantio.

Minas Gerais: o plantio foi finalizado e ocorreu até o início de abril, muito além da janela ideal de cultivo. Vale lembrar que o volume de chuva recebido em março, acima da média nas principais regiões produtoras, foi o grande responsável por dilatar as operações de semeadura. No entanto, essas áreas são pouco representativas e possuem menor nível tecnológico. Algumas questões fitossanitárias merecem destaque, pois tivemos mais relatos de lavouras afetadas pela *Diplodia maydis* em relação às safras anteriores. Além dos custos associados à aplicação dos defensivos, os produtores podem enfrentar perdas diretas devido à queda da produtividade. Logo, seguiremos atentos às consequências na cultura para possíveis correções futuras de rendimento. De toda maneira, as lavouras semeadas na janela ideal apresentam elevado potencial produtivo, o que mantém a média estadual estável, até o momento.

São Paulo: o plantio foi finalizado, e a maioria das áreas encontram-se no estágio de enchimento de grãos. A irregularidade das precipitações, aliada a períodos de altas temperaturas, já comprometeram o desenvolvimento e potencial produtivo do milho no estado.

Bahia: nos últimos 30 dias houve registro de chuvas em todas as localidades, com volumes entre 90 mm e 150 mm. O prolongamento da estação chuvosa criou boas condições para as lavouras de segunda safra. Elas se apresentam em fase de desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos, favorecidas pelo prolongamento da estação chuvosa. No entanto,

a expectativa de chuvas pouco significativas nos próximos meses pode comprometer o desempenho das lavouras.

Paraíba: a estabilização das chuvas na Zona da Mata e Borborema permitiu a intensificação dos plantios no litoral. Até o final de abril, 73,9% da intenção total de plantio foi efetivamente semeada. A semeadura na Zona da Mata ocorre em momento posterior ao plantio no Sertão e Vale do Piancó.

Houve um ataque severo de lagartas na fase de emergência, afetando o seu desenvolvimento e exigindo replantio, principalmente no Alto Sertão.

As lavouras encontram-se entre boas condições na maioria das áreas e as fases fenológicas predominantes são desenvolvimento vegetativo e floração.

Maranhão: o plantio da segunda safra de milho, cujo cultivo ocorre predominantemente na região sul do estado, ocorreu entre o final de janeiro e o início de abril de 2024. As lavouras encontram-se nos estádios de desenvolvimento vegetativo, floração e início de enchimento de grãos, e apresentam bom desenvolvimento. Ressaltamos que, em razão do atraso do início das chuvas para o plantio da soja e da consequente saída da janela ideal de plantio da segunda safra, houve comprometimento da semeadura desse cereal, tanto na região sul como nas áreas de plantio das regiões oeste, centro e leste do estado. Algumas áreas foram substituídas por sorgo e milheto, para obtenção de melhor colheita ou somente para utilização das culturas como cobertura do solo. Dessa forma, houve redução de área de milho segunda safra, que ficou estimada em 260,2 mil hectares, com redução de 14,5% em relação à safra passada.

Pernambuco: a semeadura da segunda safra de grãos no sertão pernambucano foi postergada até o estabelecimento de umidade suficiente

no solo, o que ocorreu no início de fevereiro. A falta de chuva em janeiro desestimulou o plantio de algumas áreas e deve resultar em leve dano produtivo nas lavouras semeadas nos primeiros dias de 2024.

As lavouras semeadas no início da janela de plantio, na primeira quinzena de janeiro de 2024, sofreram os efeitos do estresse hídrico. As semeadas a partir de fevereiro têm um bom desenvolvimento vegetativo e mostram ótimo potencial produtivo. Na microrregião do Araripe algumas áreas foram afetadas pelo excesso de chuvas, prejudicando o desenvolvimento da cultura em algumas localidades, principalmente nos municípios de Nascente e Angelim.

Ceará: o plantio se encaminha para o fim no estado. Em abril, as precipitações ficaram 21,2% acima do esperado, favorecendo o desenvolvimento da cultura, que se encontra com a maioria das áreas em desenvolvimento vegetativo e floração.

Piauí: a semeadura foi iniciada no final de fevereiro e finalizada no início de abril, confirmando-se redução de área em relação às estimativas iniciais.

As lavouras se estabeleceram em boas condições, favorecidas pelos níveis adequados de umidade do solo na maior parte das regiões produtoras. Apesar de condições meteorológicas favoráveis, há nesta safra um problema sério de ataque de lagartas, com registro de alta infestação em muitas áreas e dificuldade de controle, com alguns produtores tendo que realizar até oito aplicações para o controle do inseto, situação que deve impactar no custo de produção da cultura.

Tocantins: nos últimos trinta dias o acumulado de chuvas no estado foi de 120 mm a 300 mm. As precipitações vêm favorecendo as lavouras em fase

de enchimento de grãos, que apresentam boas condições de sanidade e com bom potencial produtivo.

Pará: o milho segunda safra é um produto que tem grande relevância na alimentação do plantel avícola do estado, como, também, é considerado um produto de boa qualidade para exportação. Seu plantio está encerrado, e as lavouras se desenvolvem com bastante vigor, favorecidas pelas chuvas regulares.

Neste levantamento houve um acréscimo de área nas duas principais regiões de milho safrinha do estado, sendo as regiões intermediárias de Redenção e Santarém, que detêm mais de 80% das lavouras do estado.

A área de milho segunda safra agora está estimada em 303,9 mil hectares, uma elevação de 15% em relação à área da safra 2022/23. Na região de Redenção e BR-163, as lavouras estão com bom desenvolvimento e muitas áreas já em maturação. O clima tem corroborado para o bom desenvolvimento das lavouras e as chuvas ocorrem com constância. Na região de Santarém, o plantio foi encerrado, e as lavouras estão nos estádios iniciais de desenvolvimento.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica											
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2023/2024								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Madeira-Guaporé	0,28		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
	Leste Rondoniense	1,40		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
PA	Baixo Amazonas	0,44		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C	
	Sudeste Paraense	0,36		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C	
TO	Ocidental do Tocantins	0,86	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C	
	Oriental do Tocantins	0,97	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C	
MA	Sul Maranhense - MA	0,98	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	0,75		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
CE	Sertões Cearenses	0,25		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Norte Mato-grossense	32,46	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
MT	Nordeste Mato-grossense	6,02	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,74	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro-Sul Mato-grossense	0,56	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	5,66	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	3,09	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,02	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M	M/C	C	C
GO	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	10,92	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Norte Goiano	0,30	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO	Centro Goiano	0,36	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,18	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Sul Goiano	9,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Noroeste de Minas	0,76		S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	M/C	C
SP	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,39		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Bauru	0,28		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
PR	Assis	1,14		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Itapetininga	0,86		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
PR	Noroeste Paranaense	0,90		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Ocidental Paranaense	2,57	S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
PR	Norte Central Paranaense	3,42		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Norte Pioneiro Paranaense	1,62		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
PR	Oeste Paranaense	5,22	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	0,81	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR	Centro-Sul Paranaense	0,29	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2022)/Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 13 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19		511,0	2.385	1.218,7
2019/20		535,6	3.305	1.843,6
2020/21		595,6	2.734	1.628,5
2021/22		662,1	3.341	2.211,9
2022/23		637,1	3.664	2.334,6
2023/24	abr./24	632,5	3.148	1.990,9
	mai./24	632,5	3.148	1.990,9

Fonte: Conab.

O plantio da terceira safra de milho foi iniciado nas regiões produtoras. O clima está sendo favorável ao estabelecimento dos cultivos, com a ocorrência de precipitações bem distribuídas na maioria das áreas.

Para a safra 2023/24, a área cultivada está estimada em 632,5 mil hectares, com seu dimensionamento ainda em aberto.

ANÁLISE ESTADUAL

Bahia: as precipitações das últimas semanas foram favoráveis para iniciar o manejo das áreas e realizar os primeiros plantios na região nordeste. A expectativa de permanência de chuvas para o próximo mês melhora ainda mais as condições para o plantio. Menos de 5% da área foi implantada na região. Estas lavouras estão em fase de germinação e apresentam boas condições.

Alagoas: ainda no início do período das águas, as chuvas têm sido mais generosas na região da bacia leiteira de Alagoas, possibilitando o preparo do solo e semeio em algumas áreas. Na região agreste, as chuvas têm ocorrido com boa regularidade e distribuição.

As primeiras lavouras foram semeadas na região da bacia leiteira, especialmente entre os municípios de Major Isidoro, Jaramataia e Cacimbinhas. O milho já semeado encontra-se com boa germinação, em sua maior parte na fase V1 para V2.

Até o período do levantamento, não houve relato de problemas fitossanitários ou outro fator limitante. Na região do médio e alto sertão, a cultura deverá ser semeada a partir de maio, quando as chuvas devem ocorrer em volumes e frequências favoráveis para o cultivo, visto que, para região semiárida, as chuvas são mais escassas.

Sergipe: assim como nos anos anteriores, abril foi marcado pelo início dos plantios de milho no estado, em virtude do início do período chuvoso típico para esse período do ano. Nessa fase inicial, os municípios de Itabaianinha, Umbaúba, Cristinápolis estão com a semeadura mais avançada, com 30% de suas áreas já semeadas. Vale destacar que em Poço Verde há irregularidade nas precipitações e muitas das áreas não estão em condições de umidade ideal para dar início ao preparo do solo.

Apesar do avanço do plantio nesses municípios citados acima, com registro inclusive de atraso em Poço Verde, em todo o estado temos em torno de 15% de milho semeado, à época do levantamento. A concentração dos plantios ocorre em maio e junho, quando as condições climáticas são mais favoráveis devido às chuvas mais volumosas e regulares nas várias regiões sergipanas, contribuindo para que os solos atinjam condições ideais de umidade.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO TERCEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho terceira safra - Safra 2023/2024										
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	
RR	Norte de Roraima	4,77		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C			
PE	Sertão Pernambucano	0,95	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C			
	Agreste Pernambucano	1,03	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C			
AL	Sertão Alagoano	0,32	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Agreste Alagoano	1,13	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Leste Alagoano	1,01	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
SE	Sertão Sergipano	21,54	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C		
	Agreste Sergipano	16,02	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C		
	Leste Sergipano	3,05	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	1,75		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C			
	Nordeste Baiano	47,35	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Centro Norte Baiano	0,36	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2022)/Conab.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2023/24, a Conab prevê uma produção total de 111,6 milhões de toneladas de milho, um decréscimo esperado de 15,4%, comparada à safra anterior. Essa redução na produção total é resultado do encolhimento da área de milho, com destaque para a queda na segunda safra, em conjunto com uma menor produtividade projetada em campo. Cabe destacar que a Conab projeta um decréscimo de 7,4% na área plantada e de 8,6% da produtividade do setor.

Em relação aos dados da demanda doméstica, a companhia acredita que 84 milhões de toneladas de milho da safra 2023/24 deverão ser

consumidos internamente ao longo de 2024, ou seja, um aumento de 5,5% comparativamente à safra anterior.

Sobre a balança comercial, a Conab projeta uma expansão do volume de importação total para a safra 2023/24, projetada em 2,5 milhões de toneladas do grão em razão da perspectiva da menor produção nacional. Para as exportações, com a esperada menor oferta nacional, a Conab estima que 31 milhões de toneladas sairão do país via portos, sendo este volume 43,3% inferior ao estimado para a safra 2022/23. Nesta conjuntura, acredita-se que a redução da produção brasileira, somada à maior oferta disponível no mercado internacional (em meio as boas safras norte-americana e argentina) deverão reduzir o volume de exportações brasileiras do grão em 2024. Com isso, o estoque de milho em fevereiro de 2025, ou seja, ao fim do ano-safra 2023/24, deverá ser de 6,2 milhões de toneladas, sendo este montante 12% inferior ao da safra 2022/23.

TABELA 14 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	15.739,4	80.709,5	900,7	97.349,6	59.048,4	23.742,2	14.558,9
2018/19	14.558,9	100.042,7	1.596,4	116.198,0	61.937,4	41.074,0	13.186,6
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.598,9	54.634,4	7.068,4
2023/24	abr/24	7.068,4	110.963,7	2.500,0	120.532,1	83.945,4	5.586,7
	mai/24	7.068,4	111.635,8	2.500,0	121.204,2	83.985,5	6.218,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2024.

Estoque de passagem 31 de janeiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

45.733,2 mil ha

+3,8%

PRODUTIVIDADE

3.229 kg/ha

- 7,9%

PRODUÇÃO

147.684,8 mil t

-4,5%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 15 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)	
2017/18	35.149,2	3.507	123.258,9	
2018/19	35.874,0	3.337	119.718,1	
2019/20	36.949,7	3.379	124.844,8	
2020/21	39.531,2	3.526	139.385,3	
2021/22	41.492,0	3.026	125.549,8	
2022/23	44.079,8	3.507	154.605,9	
2023/24	abr./24	45.235,4	3.239	146.521,8
	maí./24	45.733,2	3.229	147.684,8

Fonte: Conab.

A colheita alcançou 94,3% da área cultivada no início de maio. Em Mato Grosso, Paraná e São Paulo, ela está praticamente finalizada, enquanto no Maranhão, Pará e Rio Grande do Sul ela se prolongará durante maio.

As produtividades foram inferiores às da safra passada em quase todo o país, reflexo das condições climáticas adversas ocorridas durante a implantação e desenvolvimento da cultura, com falta e excesso de precipitações em épocas importantes no desenvolvimento da cultura.

Houve novo ajuste da área semeada, especialmente pela identificação de novas áreas de cultivo no Maranhão, Goiás, Pará, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, resultando numa área total cultivada na safra 2023/24 de 45.733,2 mil hectares, 3,8% superior ao semeado na safra passada.

Neste levantamento também ocorreu uma pequena redução na produtividade estimada, recuando para 3.229 kg/ha, 7,9% menor à obtida na safra 2022/23, reflexo, principalmente, da redução na produtividade no Rio Grande do Sul, devido ao excesso de precipitações ocorridas nas últimas semanas. A produção total ficou estimada em 147.684,8 mil toneladas, 4,2% abaixo da obtida na safra passada e continuando a se configurar como a segunda maior produção já obtida pela oleaginosa.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: as chuvas constantes causaram atrasos pontuais na colheita das derradeiras áreas de soja. A colheita final, concentrada principalmente nas regiões sudoeste, nordeste e médio norte de Mato Grosso, está praticamente concluída. No decorrer de abril, as chuvas constantes nestas localidades impediram as atividades de campo em diversos momentos, contudo, sem prejuízos significativos. A performance da soja na atual safra, após o enfrentamento de tempo adverso no início da temporada, fechou com média de produtividade em 3.156 kg/ha, resultando numa produção de 38,4 milhões de toneladas.

Rio Grande do Sul: com 75% da área colhida, a lavoura de soja do Rio Grande do Sul enfrenta, há duas semanas, adversidades meteorológicas, que dificultam o avanço dos trabalhos. As regiões mais adiantadas são a nordeste e a noroeste, com mais de 80% das áreas já colhidas. As mais atrasadas são as da Campanha e Zona Sul, que ainda não atingiram 50% da área. Estas últimas, são justamente as regiões onde a expansão de área é mais significativa e que

foram contabilizadas neste levantamento. As produtividades destas lavouras colhidas, até o momento do levantamento, são boas, superior à média estadual, porém as lavouras cultivadas nas regiões de expansão da cultura apresentam potencial de produtividade menor e serão mais impactadas pelos eventos de chuva extrema do final de abril.

Com o restante da área a colher já atingindo a maturação completa, o atraso da operação causa prejuízos que aumentam a cada dia. As chuvas não dão trégua, a palha da soja não seca a ponto de permitir a trilha e as colhedoras não conseguem rodar as lavouras, caindo frequentemente em atoleiros, até mesmo nas partes mais altas da lavoura e com melhor drenagem. Já nas áreas de várzeas, somente as máquinas equipadas com esteiras ou tracionadas conseguem entrar.

As estradas com pista de rolamento de terra, que dão escoamento à produção, estão em péssimas condições, e os caminhões carregados só conseguem rodar auxiliados com tratores de grande porte.

Com os eventos climáticos extremos ocorridos no estado, havendo alagamentos em parte das áreas, a produtividade foi revisada e é estimada, até o momento, em 3.168 kg/ha, ainda representando uma safra dentro da normalidade, mas que pode mudar se persistirem as adversidades climáticas atuais.

Paraná: a área da cultura manteve-se praticamente a mesma da safra passada. Com 99% das áreas colhidas e o restante em fase de maturação, a produtividade é estimada em 3.170 kg/ha, redução de 17,9% em relação à última safra. Atenta-se ao fato que a redução da produtividade desta cultura deve-se às condições climáticas e suas consequências, principalmente, a falta de umidade no solo durante as fases reprodutivas, encurtamento de ciclo devido às altas temperaturas, morte de plantas, abortamento de flores,

vagens e grãos, o que aconteceu principalmente no norte e oeste paranaense, mais especificamente na região do arenito paranaense.

Como já informado, a ocorrência de ferrugem asiática nas regiões de plantio mais tardio, neste final de ciclo, será fator de influência no fechamento da produção, com possível impacto na produtividade.

Santa Catarina: a colheita está em andamento, destacando que os rendimentos do que foi plantado no início do ciclo têm mostrado resultados mais fracos. Há uma variação na produtividade observada atualmente, influenciada diretamente pelas condições climáticas apresentadas durante todo o ciclo da cultura.

As condições climáticas em outubro e novembro de 2023, com precipitações elevadas, causaram atraso na semeadura, perdas de nutrientes por lixiviação, prejuízo no padrão de população de plantas, reduziram, em alguns lugares, a produtividade, mas não tão significativamente. Na maioria dos municípios da região serrana, a cultura da soja demonstra desenvolvimento normal.

As lavouras que ainda estão a campo, safrinha, estão em progressão natural para a maturação, seguindo o ciclo de cada cultivar. A média ponderada de produtividade da soja do cedo, plantada em outubro, e a soja da tarde, plantada em janeiro, está estimada em 3.780 kg/ha. No meio Oeste a cultura está em fase final de maturação e colheita adiantada. A melhora das condições climáticas foi benéfica aos rendimentos na avaliação final da safra. Ainda em relação ao clima na região, este contribuiu para o avanço expressivo da operação de colheita nas últimas semanas.

Em termos fitossanitários, prevalece o controle de doenças de final de ciclo, especialmente ferrugem asiática. Embora a pressão do patógeno ainda seja significativa, nas áreas onde o controle foi eficaz não houve danos à cultura.

Contudo, nas lavouras onde ocorreu atraso das aplicações ou foram utilizados fungicidas menos eficazes ou mesmo subdosagens, as plantas perderam área foliar de forma significativa.

Goiás: a colheita já está em fase final, restando apenas as áreas tardias, que já estão prontas para a retirada dos campos. Ocorreram, em muitas localidades, a incidência de pragas e doenças de final de ciclo, comprometendo um pouco a qualidade dos grãos, assim como um aumento de rejeição de cargas de soja devidos a problemas de qualidade do grão causado pelo excesso de chuvas. De forma esparsa, as produtividades sofreram decréscimo em algumas localidades.

Foi realizado novo levantamento de área no estado e identificado expansão de áreas em todas as regiões, principalmente no noroeste e oeste do estado. A área indicada para o estado passa de 4.602 mil hectares para 4.788 mil hectares. Foi observado que a maioria das áreas novas vetorizadas são de expansão e possuem baixa produtividade devido ao nível tecnológico utilizado ou mesmo baixa disponibilidade de palhada presente no solo.

Mato Grosso do Sul: apesar do baixo percentual de lavouras que estiveram em campo durante abril, ainda houve interferência climática relevante. Os cultivos tardios do sudoeste e leste estadual perderam peso nos grãos devido à restrição hídrica e aqueles localizados no centro-norte tiveram a qualidade afetada pelo excesso de umidade provocado por chuvas e permanência de tempo nublado, com registro de cargas com desconto de até 50% por presença de grãos ardidos na classificação de recebimento pelos armazéns.

Além das perdas ocasionadas pelo clima, também verificou-se alto índice de grãos avariados pelo forte ataque de percevejos, pelos quais esses talhões tardios passaram. Diante desses fatos, há nova redução na estimativa de produtividade de soja para o Mato Grosso do Sul.

A colheita está praticamente finalizada.

Minas Gerais: com aproximadamente 98% das lavouras colhidas, a produtividade alcançada varia de acordo com a época de plantio.

As primeiras áreas colhidas correspondem às lavouras que foram semeadas ainda dentro da janela ideal de semeadura e sofreram, logo de início, com a estiagem e temperaturas altas. Nem para as áreas irrigadas as condições favoreceram o desenvolvimento inicial das lavouras. Também foi registrado um índice de replantio significativo.

O segundo período de plantio compreende lavouras semeadas, e/ou replantadas, entre o terceiro decêndio de outubro e a primeira quinzena de novembro. Essa parcela da área foi beneficiada por melhores condições climáticas, principalmente de umidade no solo, quando comparado às primeiras áreas semeadas.

O terceiro período de plantio ocorreu em dezembro. Essas lavouras, apesar de obterem melhores condições de umidade do solo e apresentarem um bom estado, já iniciaram seu ciclo com seu potencial produtivo comprometido por terem sido semeadas fora da janela ideal. Como se não bastasse, a infestação de mosca-branca (*Bemisia tabaci*) contribuiu para o mau desempenho das lavouras, além de aumentar as aplicações e, conseqüentemente, o custo de produção. Focos de ferrugem e demais doenças de final de ciclo também afetaram a produtividade dessas áreas, reduzindo ainda mais a produtividade média.

Os volumes de chuva elevados no final de março impediram a colheita da soja, ocasionando, em muitos casos, abertura das vagens e presença de grãos ardidos na massa colhida, especialmente na região do Alto Paranaíba.

Diante ao exposto, neste levantamento, a previsão é que sejam produzidos 7.790,5 mil toneladas da oleaginosa em Minas Gerais, montante 6,7% menor quando comparado com a safra anterior.

São Paulo: as lavouras foram impactadas por condições adversas durante praticamente todo o ciclo da cultura. As variedades precoces, plantadas no início do ciclo, foram afetadas pelas precipitações irregulares e altas temperaturas no seu estabelecimento. Mesmo as cultivares de ciclo médio e tardio sentiram os impactos da irregularidade das precipitações em épocas de grande demanda hídrica, fazendo com que as perdas de produtividade ocorressem em todo o estado, mesmo em regiões onde tradicionalmente se obtinham bons resultados.

A colheita foi finalizada, com produtividade média de 2.800 kg/ha, 26% inferior à obtida na última safra.

Distrito Federal: a colheita foi finalizada, apresentando aumento médio na área de 3% comparativamente à safra passada. Tal incremento ocorreu principalmente em áreas antes ocupadas por milho primeira safra e, em menor escala, em áreas de pastagens.

Bahia: a redução da produtividade em relação à safra passada deve-se ao plantio fora da janela ideal, em virtude do atraso das chuvas e aos problemas de falha na germinação durante dezembro. A alta na produtividade em relação ao sétimo levantamento deve-se aos dados informados pelos grandes produtores com o fim da colheita.

Nos últimos 30 dias houve registro de chuvas em todas as localidades, com volumes entre 90 mm e 150 mm. As chuvas não prejudicaram a colheita da soja e criaram boas condições para as lavouras de segunda safra. Com o prolongamento da estação chuvosa, as produtividades obtidas são superiores

às esperadas no início da safra. A colheita no final de abril alcançava 95% da área semeada, devendo ser finalizada em meados de maio.

Maranhão: em abril, as lavouras de soja apresentavam-se nos estádios de enchimento de grãos, maturação e em colheita. A colheita, iniciada em janeiro de 2024, na região sul maranhense, avançou com atraso em relação ao ano anterior. No presente momento, alcança 62% da área total de cultivo do estado.

Na região sul houve considerável expansão de área de plantio de soja, em substituição, principalmente, à área de milho primeira safra. Houve dificuldade inicial do plantio por deficit hídrico, com replantio de diversas áreas e atraso na implantação das lavouras de soja. Mesmo assim, as médias de produtividade na região são bastante satisfatórias, principalmente quando comparadas ao esperado pelos produtores, nos primeiros meses da safra. Houve relatos de ocorrências de grãos ardidos e danificados, em razão das chuvas no período da colheita, porém não foram determinantes para comprometer a produção.

Nas áreas dos municípios da região dos Gerais de Balsas, a colheita da soja foi finalizada. Nas regiões de Porto Franco e das Chapadas das Mangabeiras, também localizadas no sul, a colheita está em andamento. Na maior parte das regiões oeste e centro maranhense, houve atraso na semeadura da oleaginosa, com replantio em lavouras que sofreram com a estiagem após o início do plantio. Com o retorno das chuvas, houve a recuperação das lavouras, que apresentam bom desenvolvimento. A colheita também foi iniciada nas regiões de Alto Mearim, Grajaú e de Presidente Dutra, no centro do estado, e de Pindaré e de Imperatriz, no oeste do estado. No leste maranhense, as lavouras estão em boas condições, com parte das áreas ainda em enchimento de grãos.

Para a safra 2023/24, no presente levantamento, a área estimada de plantio de soja do Maranhão é de 1.300,2 mil hectares, com expansão significativa de 16,8% em relação à safra anterior, devido às expansões de área em todas as regiões produtoras do estado.

Piauí: na safra 2023/24, confirmou-se novamente um aumento significativo de área, justificado pela abertura de novas áreas e pela migração de áreas cultivadas com milho na safra anterior.

A expectativa de possível diminuição da área estimada inicialmente por conta da perda da janela de plantio, em virtude de replantio e este replantio seria com migração para o milho, não se confirmou, mantendo-se o quadro que vinha se apresentando. As condições climáticas apresentaram-se favoráveis em quase todo o ciclo da cultura, situação que tem refletido em boas produtividades.

A colheita segue avançando, já se encaminhando para finalizar, restando apenas algumas áreas do Cerrado, do médio Parnaíba, e as áreas da região Norte do estado.

No geral, as lavouras de soja no Cerrado piauiense se desenvolveram em boas condições, refletindo em boas produtividades. O quadro de semelhança nas condições das lavouras é reflexo das chuvas que ocorreram em fevereiro e atingiram praticamente toda a região produtora, favorecendo as lavouras que se encontravam em momento crítico da sua fenologia e estas chuvas foram decisivas para fixar a produtividade em níveis mais elevados.

Tocantins: o clima foi o responsável pela redução de produtividade, onde ocorreram situações de replantio, veranicos, baixas precipitações na fase crítica da cultura e temperaturas acima da média, causando uma maior pressão por mosca-branca. A colheita está sendo finalizada, restando apenas

áreas semeadas em janeiro, principalmente no sudoeste do estado.

Pará: neste levantamento ocorreu um novo acréscimo de áreas, que ainda não tinham sido contabilizadas nos levantamentos anteriores, e a área plantada de soja alcançou 1.089,8 mil hectares, um crescimento de 16% em relação à safra 2022/23.

A soja do Pará estava com 5% das lavouras em enchimento de grãos, 29% maturada e 66% colhidas, conforme o progresso de safra levantado pela Conab no estado. A colheita ocorre na região intermediária de Castanhal, onde estão os principais municípios produtores, e na região intermediária de Santarém. Em Redenção e BR-163, a colheita já está encerrada.

Quanto ao clima, este não está muito favorável à colheita, pois as precipitações frequentes dificultam os trabalhos de campo, além de elevar a umidade dos grãos, prejudicando a armazenagem. Apesar de todo o clima instável e extremo experimentado pelas lavouras nas regiões, a produtividade medida nas colheitas elevou em 6,7% em relação à safra 2022/23.

Rondônia: as áreas implantadas na região sul do estado foram favorecidas pela presença de chuvas desde o plantio, enquanto na região centro/norte a realidade foi outra. As chuvas iniciaram de forma muito esporádica e só se firmaram a partir da primeira semana de dezembro, atrasando em muito o calendário agrícola desta safra.

Atualmente, o regime climático se mostra estável. As colheitas estão sendo concluídas, mas ainda encontramos áreas em fase de maturação dos grãos.

Amazonas: o início da safra de soja em todo o estado foi marcado por uma severa estiagem, ocorrendo replantios em diversas áreas. Apesar de toda a dificuldade climática, tivemos um avanço muito significativo nas áreas

plantadas, consequência da flexibilização no sistema de licença para o cultivo desta cultura e a consolidação de áreas pioneiras.

Acre: devido às baixas precipitações ocorridas em outubro e novembro, ocasionadas pelo fenômeno do El Niño, houve atraso no plantio da soja. A partir de dezembro ocorreu uma regularização das chuvas, que permitiu uma boa implantação e desenvolvimento satisfatório da cultura. Em alguns municípios, como Capixaba e Senador Guiomar, as chuvas frequentes dificultaram as operações de colheita.

Nos últimos anos, as áreas de pastagens destinadas para criação de bovinos de corte têm dado espaço às plantações de soja e milho. A área cultivada nesta safra alcançou 17,5 mil hectares.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda - Condição hídrica											
■ Favorável	■ Baixa Restrição - Falta de Chuva	■ Baixa Restrição - Excesso de Chuva	■ Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	■ Média Restrição - Falta de Chuva	■ Média Restrição - Excesso de Chuva	■ Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	■ Alta Restrição - Falta de Chuva	■ Alta Restrição - Excesso de Chuva	■ Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2023/2024								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RO	Leste Rondoniense	1,18		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PA	Sudeste Paraense	1,65		S/E	E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	1,71		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Oriental do Tocantins	1,43		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
MA	Sul Maranhense	1,85		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	2,48			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	5,01			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense	19,20	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	6,21		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,86	S/E	S/E/DV	DV/F	F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	4,65	S/E	S/E/DV	DV/F	F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,17		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,25		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	3,53	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Continua

Legenda – Condição hídrica

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2023/2024								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
GO	Noroeste Goiano	0,68		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Goiano	0,60		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,65		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,94		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	8,74		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas	1,95		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,19		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SP	Assis	0,84		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Itapetininga	1,09		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	0,92	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	1,99		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	1,51		S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,55		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	1,19	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,83		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Paranaense	1,00		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Oeste Catarinense	0,76		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense	3,33		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,78		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	1,18		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	0,92		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semearura; (S)=semearura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

OFERTA E DEMANDA

A Conab aumenta a estimativa de área plantada de soja e reduz a estimativa de produtividade, por esse motivo, a produção de grãos de soja, para a safra de 2023/24, tem aumento de 1,16 milhão de toneladas, estimada neste levantamento em 147,68 milhões de toneladas.

Assim, as exportações também são elevadas em 246 mil toneladas, passando de 92,26 para 92,5 milhões de toneladas.

Há um ajuste nas perdas de 60 mil toneladas, e os estoques passam de 2,48 milhões para 3,34 milhões de toneladas.

Não há alterações nas estimativas de esmagamentos e nos quadros de oferta de óleo de soja e farelo de soja.

TABELA 16 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2022/23	5.962,1	154.609,5	181,0	160.752,6	55.591,7	101.862,6	3.298,2
	2023/24	3.298,2	147.684,8	800,0	151.783,0	55.936,4	92.504,4	3.342,2
FARELO	2022/23	1.385,5	40.758,5	0,1	42.144,1	17.800,0	22.473,5	1.870,6
	2023/24	1.870,6	40.192,8	1,0	42.064,5	18.000,0	20.000,0	4.064,5
ÓLEO	2022/23	508,1	10.509,3	21,4	11.038,8	8.395,0	2.332,6	311,2
	2023/24	311,2	10.602,4	50,0	10.963,6	9.262,0	1.400,0	301,6

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em maio/2024.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

3.086,7 mil ha

-11,1%

PRODUTIVIDADE

2.942 kg/ha

+26,2%

PRODUÇÃO

9.082,5 mil t

+12,2%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 17 - TRIGO

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018	1.916,0	2.225	4.263,5
2019	2.042,4	2.657	5.427,6
2020	2.040,5	2.526	5.154,7
2021	2.341,5	2.663	6.234,6
2022	2.739,3	2.803	7.679,4
2023	3.086,2	3.420	10.554,4
2024	abr/24	3.309,7	9.729,8
	mai./24	3.086,7	9.082,5

Fonte: Conab.

A semeadura avança em alguns estados, com destaque pra Minas Gerais, o qual está com a semeadura mais adiantada em relação aos outros estados produtores, e já ocorre o início da fase reprodutiva. O maior produtor nacional, Rio Grande do Sul, ainda não iniciou o cultivo, que depende das condições climáticas para confirmar quando ocorrerá. Goiás tem o desenvolvimento fenológico mais adiantado, com algumas lavouras apresentando enchimento de grãos. Em relação à safra passada, há uma previsão de aumento da produção nacional, totalizando 9.082,5 mil toneladas do grão.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a área cultivada nesta safra deverá ser inferior à última temporada.

Diversos são os fatores que influenciam na decisão dos produtores. Atuam em favor dessa redução o baixo preço recebido pelo produtor, o custo de produção, quando comparado à expectativa de produtividade, o preço de sementes, sua qualidade inferior e baixa disponibilidade, seguro agrícola da cultura seletivo, caro e com cobertura muito aquém do custo de produção, e o alto risco climático do cultivo da cultura.

Na contramão, atuam a favor da adoção da cultura o número reduzido de opções de cultivos de inverno, os benefícios da cultura ao sistema de produção (rotação de culturas, palhada e outros), necessidade de manter o solo coberto e as previsões climáticas para a primavera.

A semeadura da cultura costumeiramente inicia em maio nas regiões mais quentes do estado (Alto Uruguai e Região das Missões), que também são as responsáveis pela maior área cultivada.

As expectativas de produtividade para esta safra são otimistas, haja vista previsão de um menor acumulado de chuvas durante a primavera gaúcha, período em que as lavouras deverão estar no período reprodutivo, o mais suscetível a perdas por chuvas excessivas. Assim, espera-se a retomada de produtividades superior ao da safra passada, severamente prejudicada pelas chuvas na primavera.

Paraná: 17% da área total prevista para ser cultivada nesta safra foi semeada em 6 de maio. A predominância de um tempo mais quente e seco neste início de maio contribuiu para o aumento da porção considerada regular em

detrimento da parcela considerada boa. As lavouras de trigo deste ciclo, que foram semeadas até o momento, estão situadas na porção mais ao oeste, sudoeste e centro-ocidental paranaense.

Como dito, os plantios de culturas de inverno iniciaram, trazendo para a presente safra predominância de redução de áreas para quase todas as culturas, com exceção da canola.

Assim, o trigo deverá experimentar redução de área, consequência da frustração da safra passada, aliada aos menores valores pagos pelo grão neste ano.

São Paulo: o trigo avança no plantio do estado, porém os produtores se mostram indecisos com relação à perspectiva da cultura em virtude do custo de produção e aos preços praticados no mercado.

O plantio do trigo acontece em abril e maio, sendo a região sudoeste do estado onde se concentra a maior produção.

O plantio ainda incipiente, com poucas áreas semeadas, com 5% até 6 de maio.

Minas Gerais: com a proximidade da conclusão do plantio de trigo no estado, estima-se um aumento na área cultivada em relação à safra passada e em comparação ao levantamento anterior.

Apesar de antecipação da semeadura nesta safra, há regiões comprometidas com ausência de chuvas significativas há quase um mês, ou seja, o sucesso desta safra ainda depende da retomada das chuvas. O fato que corrobora isso é que a comercialização futura do cereal está muito aquém do observado no mesmo período do ano passado, e os preços já reagiram.

As lavouras semeadas mais precocemente já iniciaram a fase reprodutiva, enquanto as áreas irrigadas ainda estão sendo semeadas.

No Triângulo Mineiro vem surgindo novos armazéns interessados em armazenar trigo, o que deverá impulsionar o cultivo do grão na região e melhorar a logística.

Assim, estimamos uma produção que representa um acréscimo em relação à safra passada.

Distrito Federal: as lavouras se encontram em desenvolvimento vegetativo. O aumento da área total ocorre, sobretudo, na modalidade de sequeiro, que sai dos 2,3 mil hectares cultivados na safra anterior para os atuais 5 mil hectares. Na modalidade irrigada, a estimativa é que sejam cultivados 2 mil hectares, ante os 1,1 mil plantados na safra anterior.

Assim, ponderando a duas modalidades de cultivo, a área total semeada com o cereal na safra atual é de 7 mil hectares, com produtividade média menor em relação à safra passada, pois houve o crescimento de área de sequeiro, as quais têm produtividade inferior às irrigadas.

Goiás: nesta safra são previstos 80 mil hectares de sequeiro e 30 mil hectares irrigados a partir de maio e junho, o que representa um aumento de 37,5% em relação à safra passada.

As lavouras de sequeiro estão perfilhando e algumas enchendo grãos, com 70% em desenvolvimento vegetativo, 25% em floração e 5% em enchimento de grãos. Algumas lavouras de sequeiro foram prejudicadas pelo excesso de chuvas, porém os tratamentos culturais foram satisfatórios, de um modo geral, principalmente contra as doenças fúngicas.

O regime de chuvas favoreceu o desenvolvimento da cultura de um modo geral, a quantidade de água no sistema ainda é satisfatória, mantendo um bom índice de umidade no solo. A cultura não é tão exigente por água, porém é necessária ocorrência de bons níveis a partir da fase de emborrachamento, perfilhamento e enchimento de grãos.

Mato Grosso do Sul: no primeiro levantamento de 2024, para o trigo, houve uma tendência de aumento da área cultivada em relação a 2023, porém a atual estimativa demonstra um retorno aos patamares da safra anterior por conta das previsões climáticas que indicam poucas chuvas e ocorrência de altas temperaturas, prejudiciais ao cereal.

As precipitações ocorridas no segundo decêndio de abril permitiram a semeadura de mais da metade da área prevista, mas já se verifica interrupção da operação agrícola por conta de baixa umidade no solo e prognóstico de seca com onda de calor nos próximos dias.

Campos recém-semeados apresentam excelente germinação, emergência e desenvolvimento inicial, sem qualquer intercorrência, até o momento, com produtores apreensivos com as perspectivas climáticas para o início de maio.

Bahia: a semeadura das lavouras deverá ocorrer a partir da segunda quinzena de maio.

QUADRO 10 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - TRIGO

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões-	Produção* %	Trigo - Safra 2024								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,49	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
GO	Leste Goiano	0,60	S/E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas	0,55	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,40	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas	0,53	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Campo das Vertentes	0,53	S/E	E/DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	C			
SP	Bauru	0,83	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C			
	Itapetininga	3,57	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C			
PR	Centro Ocidental Paranaense	2,68	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Norte Central Paranaense	5,37	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense	4,20	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense	5,89		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense	4,01	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	5,46		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	4,64			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	
	Sudeste Paranaense	1,69			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	
	Metropolitana de Curitiba	0,86			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	
	SC	Oeste Catarinense	2,41		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C
Norte Catarinense		0,68		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
Serrana		1,05		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense	38,79		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense	2,35			S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Ocidental Rio-grandense	3,86		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Oriental Rio-grandense	1,17		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	4,09		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	0,83		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

OFERTA E DEMANDA

Em abril de 2024, diante da maior necessidade de importação, o preço ficou atrelado à paridade de importação e, com a recente valorização do dólar e do trigo argentino, as cotações domésticas apresentaram valorizações: no

Paraná, a média mensal foi cotada a R\$ 64,31 a saca de 60 quilos, apresentando valorização mensal de 2,13%. Já no Rio Grande do Sul, a média mensal foi de R\$ 61,18 a saca de 60 quilos, com valorização de 1,46%.

No mercado internacional, apesar das preocupações climáticas em diversas regiões produtoras tritícolas, as cotações seguem pressionadas pela ampla oferta de trigo russo com preço muito competitivo, o que acaba por diminuir a demanda por trigo de outros países, inclusive dos Estados Unidos. A cotação FOB Golfo fechou com média de US\$ 270,40 por tonelada, apresentando desvalorização de 0,98%.

Para a safra 2023/24, que encerra em julho de 2024, foi ajustado o montante de exportação, de 2,6 milhões de toneladas para 2,8 milhões de toneladas, mediante o incremento verificado em abril de 2024 e do indicativo dos line-ups. Foi revisado também o volume estimado de moagem industrial, que passou de 12,2 milhões de toneladas para 12,1 milhões de toneladas.

Para a safra 2024/25, que inicia em agosto de 2024 e encerra em julho de 2025, a Conab revisou os números referentes à área, produtividade e produção, da safra 2024. A estimativa é que sejam plantados 3.086,7 mil hectares (-11,1%), com produtividade de 2.942 kg/ha (26,2%) e colhidos 9.082,5 mil toneladas (+12,2%). Com a queda da produção, foram revisados também o quantitativo estimado de importação, que passou de 5,5 milhões de toneladas para 6 milhões de toneladas), e de consumo, de 12,2 milhões de toneladas para 12,1 milhões de toneladas. Com esse cenário, a previsão é encerrar a safra vindoura com 681,9 mil toneladas.

TABELA 18 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2018	2.387,4	5.427,6	6.738,6	14.553,6	11.860,6	582,9	2.609,9
2019	2.609,9	5.154,7	6.676,7	14.441,3	11.860,6	342,3	2.238,4
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	12.049,8	3.045,9	722,5
2022	722,5	10.554,4	4.514,2	15.791,1	12.394,1	2.656,6	740,4
2023*	740,4	8.096,8	6.600,0	15.437,2	12.543,6	2.800,0	93,6
2024**	abr/24	193,6	9.729,8	5.500,0	15.423,4	12.622,6	800,8
	mai/24	93,6	9.082,5	6.000,0	15.176,1	12.494,2	681,9

Legenda: (*) Estimativa (**) Previsão.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2024.

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Mato Grosso do Sul: para os cultivos do amendoim foram duas condições climáticas distintas, com excesso de chuvas na região produtora do nordeste e precipitações com distribuição e volumes adequados no leste estadual. O período foi caracterizado por execução de arranquio e colheita das lavouras, quando tanto o excesso de umidade quanto solo muito seco desfavorecem e impactam a eficiência destas operações agrícolas.

Há pequeno ajuste na área estadual, ocasionado por correção de informação de um município produtor. Nos locais onde a umidade do solo permaneceu elevada, ainda não foi constatado perdas produtivas e qualitativas, pois tais áreas estavam arrancadas e aguardavam a perda de umidade para realização da colheita. Já nas demais zonas produtoras, verificou-se que as intempéries que ocorreram na fase de enchimento de grãos, como as altas temperaturas e falta de umidade, impactaram a produtividade das lavouras.

Com cotação estável em relação ao mês anterior, os produtores estão realizando a colheita e fixando o montante previsto nas CPRs (Cédulas de Produto Rural), que garantiram os financiamentos da safra, liquidando os compromissos assumidos, com pretensão de comercializar o restante conforme a necessidade de fluxo de caixa durante o restante do ano.

Paraná: os excessos de precipitação, registrados em outubro e novembro de 2023, assim como períodos secos e quentes em dezembro, janeiro e março, afetaram a cultura, que tem sua maior parte plantada em Paranavaí, com 82% da área total estadual.

Em abril, o Paraná teve pouca ocorrência de chuvas, reduzindo a disponibilidade de água no solo, desfavorecendo a produtividade da cultura, porém favorecendo as operações de colheita.

As condições climáticas adversas impactaram o potencial produtivo. As lavouras já foram quase totalmente colhidas, no momento da realização do levantamento.

São Paulo: a área cultivada na primeira safra foi de 210 mil hectares, crescimento de 10,4% em relação à safra anterior.

A produtividade, até o momento, teve uma redução em 29,3% em relação à safra anterior, devido, sobretudo, à falta de chuvas e temperaturas elevadas, que trouxeram como consequência, a maior incidência de pragas, também determinantes para esta quebra na produtividade.

Houve abortamento de flores em lavouras e redução na granulometria em lavouras na região de Tupã, Herculândia e Presidente Prudente, acarretando perda no seu valor comercial.

A colheita está em fase final, com 80% da safra já colhida, no momento do levantamento.

Ceará: a cultura é realizada em regiões de serra, no momento considerado de segunda safra, onde há mais ocorrência de chuvas.

Devido às boas precipitações observadas, inclusive favorecendo o incremento de área, a cultura está se desenvolvendo bem.

QUADRO 11 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
		Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	 Média Restrição - Excesso de Chuva
		Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Amendoim primeira safra - Safra 2023/2024						
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
SP	Araçatuba	3,59	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Araraquara	6,25	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Assis	4,33	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Bauru	11,72	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Marília	24,03	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Presidente Prudente	16,70	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Ribeirão Preto	15,50	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	São José do Rio Preto	10,99	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022)/Conab.

GERGELIM

Pará: nos últimos 30 dias, o acumulado de chuvas no estado foi de 120 mm a 300 mm, situação que favorece o desenvolvimento das lavouras que atingiram o estágio reprodutivo.

A cultura precisa de chuvas bem distribuídas durante o seu ciclo. Em relação a pragas e doenças, há o controle de lagartas, pulgão, mosca-branca, cigarrinha e vaquinha. E as doenças mais comuns são as manchas foliares, que podem causar necrose das folhas, reduzindo a capacidade produtiva da planta. Medidas como a rotação de culturas e tratamento de sementes são práticas que contribuem para uma redução do patógeno.

O cultivo de gergelim vem ganhando espaço no estado, e estima-se um

crescimento de 15,2% da área em relação à safra anterior. A comercialização é por contratos futuros de vendas com entrega imediata.

Mato Grosso: o clima chuvoso, aliado à temperatura razoável, têm conferido ao gergelim um bom desenvolvimento nas fases preliminares.

A implantação da cultura foi concluída. Devido às boas condições climáticas e tratos culturais apropriados, a cultura está com bom desenvolvimento e promete bom rendimento, caso as precipitações permaneçam regulares ao menos nas primeiras semanas de maio.

O gergelim se consolida como excelente opção na segunda safra. Em 2023/24, mais de 380 mil hectares foram alocados à cultura, mais resistente ao clima seco, com menor risco climático associado a sua produção e com maior atratividade sob a ótica comercial.

Em temporada marcada pelas dificuldades conjunturais associadas ao milho, buscaram-se alternativas para essa commodity, e o gergelim ganhou grande destaque. Mesmo que dificuldades iniciais ainda ocorram em seu processo produtivo, como as associadas aos trabalhos de colheita, em que parcela significativa da produção ainda é perdida, as cotações, que são atrelados ao dólar, têm atraído os produtores, há bastante demanda, majoritariamente destinada ao mercado externo, e com possibilidade de travamento prévio da produção.

Tocantins: nos últimos 30 dias, as chuvas foram em volumes satisfatórios e bem distribuídas pelo estado. O acumulado de chuvas, na maioria do estado, foi de 150 mm a 200 mm.

O clima vem favorecendo o desenvolvimento das lavouras que estão em fase vegetativa.

A cultura do gergelim vem expandindo no estado, com registro de novas áreas de cultivo em municípios da região centro-norte. A cultura está em boas condições de desenvolvimento e, em média, os produtores realizam duas aplicações de defensivos, e utilizam 10 kg/ha de semente no plantio.

Houve um incremento na área de cultivo, onde o gergelim chegou a substituir possíveis áreas que seriam destinadas ao sorgo.

A comercialização é antecipada, a preços fixados, em que as empresas fornecem a semente e a logística fica a cargo do comprador.

GIRASSOL

Rio Grande do Sul: a safra 2023/24 da cultura está encerrada. A área cultivada foi de 2,6 mil hectares, e a produtividade média foi de 1.174 kg/ha, muito prejudicada pelas chuvas excessivas ocorridas na primavera.

Goiás: a semeadura foi encerrada. Grande parte das lavouras estão em fase de pré-florescimento e casos pontuais de lavouras em pleno florescimento e formação de capítulos.

A área plantada é de 39,2 mil hectares, sendo semeada principalmente no final de fevereiro e durante março. Algumas lavouras semeadas mais cedo podem chegar a uma produtividade média de 1.800 kg/ha. Estima-se que 40% estão em fase vegetativa e 60% na fase reprodutiva.

As condições climáticas favorecem o cultivo, até o momento. A reserva de água no solo é ideal para o pleno desenvolvimento da cultura. As plantas de girassol são mais resistentes ao estresse hídrico.

O mercado manteve-se estável, com o índice de comercialização antecipada em torno de 40%.

Mato Grosso: o regime de chuvas em abril foi adequado para conservar o desenvolvimento vegetativo da cultura.

Por ocasião de tempo climático favorável, associado aos tratos culturais adequados, a cultura vem apresentando boa evolução. As lavouras do cereal estão predominantemente em estágio vegetativo e uma parcela menor em floração.

Entretanto, para que a planta desenvolva todo o seu potencial produtivo, é necessário que a pluviosidade, mesmo que em baixo volume, se estenda ao menos até as primeiras semanas de maio.

A cultura tem perdido muito espaço em Mato Grosso nas últimas temporadas e, em 2023/24, apenas 2 mil hectares serão alocados ao girassol.

O girassol tem sofrido por questões mercadológicas ao longo das últimas temporadas, em que as cotações não têm incentivado o produtor a optar por essa cultura. Com o tempo, indústrias da região produtora de Campo Novo do Parecis têm migrado para outras atividades em Mato Grosso, e o girassol tem se deslocado para estados vizinhos, dentre os quais se destaca Goiás.

A estrutura de mercado de poucos compradores e as distâncias logísticas para as novas indústrias são verdadeiros entraves à produção, e o cenário é bastante nebuloso para o girassol no estado. As cotações estaduais fixadas não foram suficientes para incentivar sua semeadura.

Mato Grosso do Sul: o clima no município onde está situado o campo de produção de girassol caracterizou-se por ocorrência de chuvas frequentes, alta umidade e baixa luminosidade na maior parte de abril.

Em decorrência do comportamento climatológico, ocorreu alta incidência de podridão-branca (*Sclerotinia sclerotiorum*) no início do período reprodutivo, reduzindo drasticamente a capacidade produtiva da lavoura.

MAMONA

Bahia: a expansão do cultivo se deu sobre áreas que inicialmente seriam destinadas ao cultivo de feijão e milho, que por conta do risco climático não foram implantadas.

A estabilidade na produtividade em relação à safra passada e a alta em relação ao último levantamento devem-se à regularidade da chuva nos últimos quatro meses, surpreendendo as expectativas iniciais.

Nos últimos 30 dias, houve registro de chuvas em todas as localidades, com volumes em torno de 120 mm. As lavouras seguem com bom desenvolvimento, favorecidas pela regularidade hídrica. Em campo, encontram-se lavouras com todas as fases do ciclo fenológico, e o plantio está finalizado. A colheita deve apresentar maior volume a partir de maio. Devido às suas características, não havendo restrições severas, as lavouras apresentam simultaneamente flores, frutos em enchimentos de grãos e frutos em pontos de colheita.

Ceará: o bom volume de chuvas gera a expectativa de aumento de área em relação à safra passada, apesar da constante redução nas últimas safras.

SORGO

Mato Grosso: a semeadura foi concluída. Por ocasião do volume de chuvas adequado, o cereal tem mostrado boa evolução nos estádios iniciais de desenvolvimento. Apesar da rusticidade inerente à cultura, uma quantidade mínima de chuvas ainda é esperada ao longo de maio para que a cultura possa atingir todo o seu potencial produtivo, haja vista que as áreas se concentram principalmente em solos mais arenosos, ou seja, de pouca retenção hídrica.

Mato Grosso do Sul: a restrição hídrica verificada nas regiões sudoeste e leste retardaram a semeadura do cereal.

Aproximadamente 50% das lavouras de sorgo foram semeadas após as chuvas gerais de abril e se encontram em fases iniciais, bem estabelecidas.

Identificou-se alguns pontos com ataque de lagartas, e os talhões que estão iniciando os estádios reprodutivos têm sido acometidos por pulgões, porém, em ambos os casos, os controles estão ocorrendo sem gerar problemas produtivos para a cultura.

Goiás: a umidade do solo favorece o desenvolvimento da cultura, no momento. As chuvas, mesmo que na forma de pancadas, são suficientes, pois se trata de uma cultura bastante resistente ao deficit hídrico. O sistema solo, água e planta é bastante favorável para cultura.

As lavouras de sorgo seguem com bom desenvolvimento, com aproximadamente 70% em fase vegetativa, 25% em floração, 4% em enchimento de grãos e 1% em maturação.

Minas Gerais: o excesso de chuvas do final de março prejudicou a semeadura do sorgo, uma vez que o excesso de umidade impedia a colheita da soja e a

entrada de máquinas para efetuarem o plantio.

Como boa parte das áreas de sorgo foram semeadas ainda em fevereiro, o bom desenvolvimento das lavouras sugere uma expectativa também de boa produtividade. Porém, também houve lavouras semeadas tardiamente, nas quais o nível tecnológico empregado foi menor e que está sofrendo mais com a restrição hídrica do solo neste mês.

Bahia: nos últimos 30 dias houve registro de chuvas em todas as localidades, com volumes entre 90 mm e 150 mm. As lavouras seguem em fase de desenvolvimento vegetativo, floração, enchimento de grãos e maturação, apresentando bom desenvolvimento.

Maranhão: na presente safra, o plantio de sorgo ocorreu em março. A área estimada de plantio de sorgo é de 14,3 mil hectares, com aumento de 44,4% em relação à safra anterior, devido à redução de área de milho safrinha. As lavouras apresentam bom desenvolvimento, até o momento.

Piauí: por se tratar de cultura mais rústica do que o milho e, conseqüentemente, mais resistente ao déficit hídrico, o sorgo tem apresentado uma área de cultivo crescente na região.

A semeadura foi iniciada no final de março, e as lavouras encontram-se em desenvolvimento vegetativo e se estabeleceram em boas condições. Apesar das condições climáticas, até o momento, se apresentarem favoráveis, há registro de problemas de ataques de lagartas, com alta infestação e difícil controle.

Tocantins: nos últimos trinta dias, o acumulado de chuvas no estado foi de 120 mm a 300 mm, situação favorável ao desenvolvimento da cultura do

sorgo, que atingiu a fase de enchimento de grãos. São realizadas aplicações de defensivos para o controle de doenças foliares e da panícula.

QUADRO 12 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- SORGO

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Sorgo - Safra 2023/2024							
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PA	Sudeste Paraense	1,99		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	2,89		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	2,61		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	3,66	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	6,05		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul	1,97		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	2,14		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MT	Sudeste Mato-grossense	1,33		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense	2,84		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Goiano	1,26		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
GO	Leste Goiano	5,27		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sul Goiano	28,34		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas	4,09		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	17,52		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C
	Araçatuba	2,89		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SP	Bauru	1,42		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Itapetininga	2,87		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
PR	Norte Central Paranaense	1,35		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022)/Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Rio Grande do Sul: o estado é responsável pelo cultivo de quase 70% da área cultivada no país. Mesmo na safra passada, quando a produtividade foi prejudicada pelas chuvas torrenciais decorrentes da atuação do El Niño, a produção gaúcha representou 68% do volume produzido no país.

Para a safra 2024 ainda existe uma incerteza em relação à área que será cultivada pela cultura. Atuam como fatores de estímulo ao cultivo o menor custo de produção em relação ao trigo e a demanda aquecida do produto, que nas últimas safras foi superior à oferta e teve consequente valorização dos grãos para venda aos produtores de proteína animal.

Em contrapartida, as perdas da safra passada levam os agricultores a realizarem apenas o cultivo da aveia-branca ou preta como cultura de cobertura do solo, sem o objetivo de produção de grãos. Também, há uma relativa escassez de sementes em quantidade e de qualidade no mercado, a exemplo de outros cereais de inverno. Levando os aspectos listados acima em consideração, a estimativa é que ocorra uma manutenção da área cultivada de aveia-branca no Rio Grande do Sul, mantendo a cultura como a segunda maior área cultivada no inverno gaúcho e a quinta principal do estado, se consideradas todas as culturas de verão.

Mato Grosso do Sul: a semeadura teve início somente após as chuvas que ocorreram na segunda quinzena de abril, portanto, em boas condições de umidade.

Implantação recente no estado, com apenas 15% da área prevista semeada, com a maior parte em emergência. Por ser uma cultura de baixo investimento, sem adubação e com utilização de semente salva da safra anterior, há dificuldade de dimensionar a área que será implantada antecipadamente. Além disso, muitos produtores semeiam e só decidem se irão realizar a colheita ou apenas formar palhada para plantio direto nos meses de maturação da cultura, dependendo da expectativa produtiva, qualidade dos grãos e dos preços ofertados no momento.

A redução na área prevista neste levantamento, em relação à safra passada, é consequência da forte desvalorização do grão ocorrida desde a última colheita até o final de 2023, mas recente melhora do preço pode estimular o produtor a semear em maio, visto que há áreas propícias ao cultivo que estão em pousio.

Paraná: o clima de abril foi quente e seco, com baixa ocorrência de chuvas, que ocorreram, principalmente, em meados do mês, por cerca de três dias, permitindo o início dos plantios de inverno.

A estimativa é de incremento na área cultivada com aveia, oportunizado pela tomada de decisão dos produtores de plantar áreas com espécies para cobertura, assim como pela redução de área da principal cultura de inverno, o trigo, que teve redução de área em torno de 19%, consequência da frustração da safra passada aliada aos menores valores pagos pelo grão neste ano.

A área semeada com aveia, até o momento do levantamento, é de 15%.

QUADRO 13 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AVEIA

Legenda - Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Produção* %	Aveia - Safra 2024										
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ		
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	4,27	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro Ocidental Paranaense	5,92		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Norte Central Paranaense	3,44	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense	4,98	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
PR	Oeste Paranaense	0,69	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Sudoeste Paranaense	1,28	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense	2,58	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense	1,75			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
RS	Noroeste Rio-grandense	53,06		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C				
	Nordeste Rio-grandense	6,16			S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	8,65		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	1,98		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	2,36		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C				
	Sudeste Rio-grandens	2,18		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C				

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

CANOLA

Rio Grande do Sul: embora esta é um cultivo recente em relação às demais culturas de inverno no estado, a canola vem se consolidando, ano após ano, como excelente alternativa para o período.

Na safra 2023, figurou entre as quatro principais culturas de inverno e com o melhor resultado econômico dentre todas. A agregação de novas técnicas de cultivo e melhoria genética dos híbridos disponíveis no mercado, principalmente quanto à diminuição do período de floração e diminuição da debulha natural, favorecendo a colheita e reduzindo perdas, faz com que ela venha atraindo novos produtores e conservando os já existentes.

A rotação de culturas é a maior recomendação para as lavouras de canola, podendo voltar à área inicial no terceiro ano subsequente. Já na indústria, o duplo propósito sustenta o preço pago ao produtor. Primeiro, seu óleo é utilizado tanto para consumo humano (rico em ômega 3), que além de agregar valor ao produto faz bem à saúde, quanto para a fabricação de biocombustíveis. Há, ainda, outros nichos de mercado, como sua torta, antes imprópria para uso em rações animais, devido ao alto teor de ácido erúcido, e que hoje é totalmente compatível, resultado de melhoramento genético que buscou acrescentar características desejáveis.

Para a safra 2024, a pesquisa realizada pela Conab, tanto a campo, como nas entidades fomentadoras da cultura e pela procura e aquisição de sementes, embasa uma projeção de que a área semeada com canola deverá ser de 120 mil hectares.

As áreas semeadas, até o momento do levantamento (5%), são semeadas mais cedo. No campo, apesar da alta frequência e volume das chuvas, a cultura apresenta boa germinação, porém o excesso de chuvas pode prejudicar o desenvolvimento inicial. 100% das áreas semeadas estão em desenvolvimento, pois a janela para este sistema de sucessão de culturas é curta e na semana do levantamento as condições climáticas não permitiram a operação de semeadura.

Em conta da previsão de um inverno frio e seco, a expectativa de produtividade é boa, embora as últimas safras tenham mostrado que os ganhos tecnológicos ainda não têm refletido em ganhos significativos de produtividade das lavouras.

CEVADA

Rio Grande do Sul: o cultivo de cevada vem apresentando diminuição da área cultivada há algumas safras. Após alcançar uma área de 90 mil hectares em 2015, a cultura perdeu espaço, e nas últimas quatro safras não ultrapassou 40 mil hectares. Ocorre que uma das principais vantagens da cultura era o preço recebido pelo produtor caso os grãos apresentassem as características necessárias para a fabricação do malte, mas a empresa compradora do produto tem diminuído o incentivo à cultura no Rio Grande do Sul em detrimento de regiões do Paraná, com melhores condições climáticas para a obtenção de grãos de qualidade superior, com menor contaminação por micotoxinas e maior germinação.

No Paraná, a área da cultura cresceu 40% em quatro safras. Outro fator que atua contra a produção de cevada cervejeira no Rio Grande do Sul é o fracasso da safra passada, quando, em razão das chuvas excessivas no período reprodutivo da cultura, as lavouras sofreram grande pressão das doenças do sistema reprodutivo e prejudicaram a sanidade e qualidade dos grãos, depreciando significativamente o preço recebido pelo produtor, que se viu obrigado a comercializar o grão como forrageiro (para produção de ração).

Assim, diante de um maior potencial produtivo e resistência para doenças em relação ao trigo, algumas empresas e cooperativas têm fomentado o cultivo do cereal para uso dos grãos na fabricação de rações, condição que faz com que as projeções iniciais apontem para uma manutenção da área cultivada da cultura em 37 mil hectares.

Antes restrita basicamente ao Planalto Superior e parte leste do Planalto Médio, a alteração do objetivo do cultivo da cevada fará com que se observe seu cultivo em outras regiões do estado, estas com menor potencial

produtivo em razão de condições climáticas menos favoráveis, como a Depressão Central.

A estimativa inicial indica, para a safra de 2024, uma produtividade média de 3.308 kg/ha, 48% superior à safra passada, muito prejudicada pelas chuvas que ocorreram no período reprodutivo da cultura. A semeadura da cultura ainda não se iniciou no estado e, caso inicie em maio, deve ocorrer em poucas áreas.

TRITICALE

Rio Grande do Sul: em razão de investimentos na instalação de plantas para produção de biocombustíveis, com a intenção de uso de cereais produzidos no estado, a cultura vem sendo lentamente desenvolvida e fomentada por cooperativas e empresas.

Os principais trunfos da cultura são o de ser uma opção de cultivo de inverno, não competindo em área com a soja, principal cultura do estado, e por apresentar maior rusticidade e menor risco de perdas qualitativas e quantitativas em comparação ao trigo, principal cultura de inverno do estado.

Na última safra, foi observado um aumento de 67% da área cultivada, mas por ser uma cultura pouco expressiva e de importância ainda secundária no estado, até o momento, não existem informações precisas sobre a área que será cultivada em 2024, assim, mantemos a previsão de uma área de 9,7 mil hectares, igual à da safra anterior, e sinalizamos possível incremento, que será confirmado após a finalização da semeadura.

A semeadura da cultura, caso as condições climáticas permitam, pode iniciar no final de maio em uma parcela da área prevista cultivada na Depressão Central.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

